

**O sentido das conjunções ἵνα e μήποτε em
Mc 4,10-12 e sua base veterotestamentária:
“a fim de que não se convertam”**

**The meaning of the conjunctions ἵνα and μήποτε
in Mk 4:10-12 and its Old Testament basis:
“lest they converted”**

*Waldecir Gonzaga¹
Dimas Solda²*

RESUMO

O Evangelho de Marcos é o escrito mais antigo dos quatro Evangelhos canônicos e seu grego é dos mais “pobres” entre eles. Isso não significa que seja de fácil entendimento e interpretação. Pelo contrário, há termos que são realmente difíceis. Se não bastasse a dificuldade da própria língua, ainda temos a presença de vários *hápax legómena* ao longo do Evangelho, gerando ainda mais dificuldades, como é o caso da perícopre Mc 4,10-12. Com maior razão, isso acontece quando nos deparamos com algumas duras sentenças que precisam ser mais examinadas para serem melhor compreendidas. As sentenças que temos na perícopre Mc 4,10-12 são introduzidas pelas conjunções ἵνα (“a fim de que”) e μήποτε (“para que não”), em 4,12, que, gramaticalmente

¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. E-mail: <waldecir@hotmail.com>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

² Doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências Bíblicas e Arqueologia pelo Studium Biblicum Franciscanum, Jerusalém, Israel. E-mail: <dimas.solda@facemt.com.br>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5528069370764185> e ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0813-3476>

falando, são subordinativas finais. Ademais, a perícopé Mc 4,10-12 conta com a presença de uma base veterotestamentária que foi usada com certa liberdade na forma de citação ou alusão, que é o texto de Is 6,9-10, como trabalhamos no artigo. Com tudo isso, esta perícopé pede nós um estudo mais atento, como aqui nos propomos. Oferecemos nova tradução, pautada na crítica textual, delimitação do texto, exame veterotestamentário e, enfim, uma análise exegetica, para termos uma melhor compreensão da perícopé em si.

PALAVRAS-CHAVE

Sentido; Conjunção; Conversão; Is 6,9-10; Parábola.

ABSTRACT

The Mark's Gospel is the most ancient written of the four canonical Gospels and its Greek is the "poorest" among them. That does not mean that it is easy to understand and interpret. On the contrary, there are terms that are really hard. Besides the difficulty of the language itself, we have yet the presence of several *hápax legómena* along the Gospel, creating even more difficulties, as it is the case of the pericope Mk 4:10-12. With all the more reason this happens when we come across same hard sentences which need to be more examine in order to be better understood. The sentences we have in the pericope Mk 4:10-12 are introduced by the conjunctions ἵνα ("in order that") and μήποτε ("lest"), in 4:12, which are, grammatically speaking, subordinating indicating purpose. Besides that, the pericope Mk 4:10-12 has the presence of a basis on the Old Testament which was used freely as citation or allusion: it's the text of Is 6:9-10, as we develop in this article. Howsoever this pericope claim from us a more attentive study, as we here come up with. We offer a new translation, based on the *critica textus*, text delimitation, examination of Old Testament and, at the end, an exegetical analysis so that we can have a better comprehension of the pericope itself.

KEYWORDS

Meaning; Conjunction; Conversion. Is 6,9-10; Parable.

Muitos estudos continuam a ser realizados acerca da passagem de Mc 4,10-12, um “trecho intermediário”³, talvez mais do que de qualquer outra passagem dos evangelhos.⁴ O interesse sempre atual mostra que a multiplicidade de respostas aos problemas impostos pelo texto não tem se revelado satisfatória: como entender a dureza das sentenças introduzidas pelas conjunções – gramaticalmente subordinativas finais – “ἵνα/a fim de que” e “μήποτε/para que não” em 4,12, que indicam como propósito a cegueira, surdez, falta de conversão e impossibilidade de perdão? E como enquadrar o discurso em parábolas dentro dessa perspectiva?

A dificuldade com o texto de Marcos tem um referencial direto em Is 6,9-10, como base veterotestamentária⁵. Segundo Pohl, “esta palavra de Is 6,9-10 é o ápice da resposta de Jesus e requer toda a nossa concentração”⁶. Este é um texto provocativo de Isaías, para estimular o povo, e Marcos o emprega em sentido negativo⁷. O profeta é comissionado para um anúncio de desventura, uma missão que, de partida, parece já falida: o povo não vai escutar e, de maneira obstinada, se recusará à conversão e, assim, não será curado.

A concentração central da pesquisa é, portanto, sobre o sentido das referidas conjunções no texto de Marcos. Todavia, outras questões não menos importantes se impõem, como a determinação dos personagens envolvidos na cena, descritos de maneira genérica como “aqueles em torno a ele com os Doze” (Mc 4,10) e “aqueles de fora” (Mc 4,11)⁸. Ainda, para uma compreensão global da passagem, outras expressões devem ser igualmente esclarecidas: “mistério do Reino de Deus” (Mc 4,11) e – o tema geral do capítulo 4 – “as parábolas” (Mc 4,11), bem

³ SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho Segundo Marcos*. Vol. 2/2: Petrópolis: Vozes, 1985, p. 111.

⁴ STEIN, R. H. *Mark*. BECNT. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 204.

⁵ COLLINS, A. Y. *Mark: A Commentary*. Hermeneia - A Critical and Historical Commentary on the Bible. Minneapolis: Fortress Press, 2007, p. 249.

⁶ POHL, A. *Evangelho de Marcos*. Comentário Esperança. São Paulo: Editora Esperança, 1998, p. 157.

⁷ CARMONA, A. R. *Evangelio de Marcos*. Comentario a la Nueva Biblia de Jerusalén. Sevilla: Desclée De Brouwer, 2009, p. 60; GRASSO, S. *Vangelo di Marco*. Nuova versione, introduzione e commento. I libri biblici. Roma: Paoline, 2003, p. 129.

⁸ SCHNACKENBURG, 1985, p. 111-112.

como a valência das formas verbais “δέδοται/*tem sido dado*” e “γίνεται/*acontecem*” em relação a tais expressões.

O texto é indagado utilizando-se de alguns elementos do Método Histórico-Crítico, sem se ocupar, no entanto, com questões especificamente ligadas às fontes de Marcos, excetuando aquela que é, seguramente, uma fonte anterior, ou seja, o texto de Is 6,9-10, a partir da temática do uso do AT no NT. Por isso, a metodologia é também voltada à relação de intertextualidade canônica, sua interface entre os dois Testamentos, buscando captar o sentido do texto e do contexto da profecia de Isaías, e verificar qual texto tenha sido utilizado pelo evangelista (hebraico ou grego) e quais modificações redacionais foram efetuadas para que o texto correspondesse ao seu objetivo teológico. A principal ferramenta metodológica para o estudo específico de Mc 4,10-12 é a análise lexicológica, buscando definir o sentido de cada proposição, a partir do emprego dos mesmos termos e expressões em outras partes do Evangelho. Vale destacar a presença de vários *hápax legόμενα* dentro da breve seção estudada, o que pede uma atenção ainda maior para definir o significado em cada caso, indicando seu peso sobretudo para a tradução desses termos.

1. Texto e tradução (Mc 4,10-12)

A análise da crítica textual mostra que a transmissão do texto de Mc 4,10-12, na sua maioria, se manteve estável. As poucas variações testemunhadas não alteram significativamente o sentido do texto: a equivalência prática entre “ἔξω/*fora*” e “ἔξωθεν/*exterior*” ou a falta do artigo em “τὰ πάντα/*todas as coisas*” no v.11, bem como a variação no tempo verbal de “ἀφεθῆ/*seja perdoado*” ou o acréscimo de “τὰ ἁμαρτήματα [αὐτῶν]/*os pecados [deles]*” no v. 12. As demais variações textuais podem, contudo, ocasionar diferentes interpretações em nível exegetico. Basta pensar, por exemplo, na dificuldade em identificar quem são “οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα/*aqueles em torno a ele com os Doze*”, o que define os remetentes do dito de Jesus (“ὁμῖν/*vós*” em oposição a “τοῖς ἔξω/*os de fora*”, v.11).⁹ Da mesma maneira, o resultado do trabalho

⁹ A expressão οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα, que é sustentada pela maioria dos manuscritos, se contrapõe à variante οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ, sustentada por testemunhos

exegético se altera, dependendo da motivação da pergunta feita a Jesus: restrita contextualmente a uma incompreensão da parábola (singular) do semeador ou referindo-se a uma maneira particular do ensinamento de Jesus em parábolas (plural).¹⁰ Por fim, a leitura de “λέγεται/é dito) em lugar de “γίνεται/acontecem” (v.11) força a exegese a uma restrição ao nível oral naquilo que se refere ao ensinamento de Jesus. Aliás, aqui nos

dos tipos textuais ocidental e cesareense: D W Θ f¹³ 28 565 2542 it sy^s; (Or^{lat}). O critério externo sustenta, portanto, a primeira variante. A formulação οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα é uma *lectio difficilior* no texto de Marcos, já que se constitui como um exemplo de *hápax legómenon*. Uma alteração voluntária visaria suprimir tal dificuldade, com uma expressão frequente em Marcos (confronte-se especialmente 7,17, com a estrutura e o vocabulário muito semelhantes; e ainda 9,28 e 10,10, onde οἱ μαθηταὶ [αὐτοῦ] também interrogam Jesus). É ainda altamente provável que o texto possa ter sofrido influência das passagens paralelas de Mt 13,10 (οἱ μαθηταί) e Lc 8,9 (οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ). Do ponto de vista da crítica interna, é possível observar que, mesmo sendo a expressão οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα única no texto de Marcos, os elementos que a compõem (ou similares) aparecem em outras partes do evangelho: περὶ αὐτὸν em 3,32.34; τὸν ὄχλον σὺν τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ em 8,34. A análise dos critérios tanto externos quanto internos indica que a expressão é autêntica *lectio difficilior*: GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a Alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLO, I; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. (Orgs.). *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: Academia Cristã, 2015, p. 221-245.

¹⁰ A leitura no plural τὰς παραβολὰς é testemunhada principalmente pela tradição alexandrina (Σ B C L Δ 892 co), além das versões Vulgata e Siro-sinaítica, representantes do tipo textual ocidental. Testemunhos variados (A K f¹ 579 700 1241 1424 ℳ vg^{cl} sy^{p,h} bo^{ms}) leem, porém, o termo no singular: τὴν παραβολήν. Enfim, uma terceira variante, sustentada pela tradição ocidental e pela revisão cesareense (D W Θ f¹³ 28 565 2542 it; Or^{lat}), traz ἡ παραβολή αὐτή. Os testemunhos mais autoritativos, nesse caso, são aqueles da primeira variante. Quando se considera o contexto imediato, ou seja, a parábola do semeador e a sua explicação (4,3-9.13-20), a leitura ao plural (primeira variante) impõe dificuldade, o que pode explicar o surgimento das demais variantes, tanto efetuando uma simples alteração do plural ao singular (segunda variante), como introduzindo a oração subordinada interrogativa indireta para dar maior clareza ao sentido do texto (terceira variante). Essa última, além do mais, sofre claro influxo do texto paralelo de Lc 8,9.11. E por isso a leitura ao plural deve ser mantida com verossímil (*lectio difficilior*: GONZAGA, 2015, p. 221-245). Podemos conferir também o comentário, sobre este uso do plural, tecido por MILLOS, S. P. *Marcos*. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona: CLIE, 2014, p. 368-369; COLLINS, 2007, p. 247; HENDRIKSEN, W. *Marcos*. Comentario do Novo Testamento. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015, p. 171; GRASSO, 2003, p. 128; PESCH, R. *Il vangelo di Marco: Parte Prima (CTNT II/I)*. Brescia: Paideia, 1980, p. 382.

encontramos diante da primeira apresentação em Marcos, de uma “cena do ensinamento especial para os discípulos”¹¹.

Essas serão algumas das questões que motivarão as seções seguintes do presente trabalho. O texto de Mc 4,10-12 não levanta grandes problemas de crítica textual, o que se reflete na quase total omissão dessa tratativa na maioria dos comentários. A variação entre “τὰς παραβολάς/as parábolas” e “τὴν παραβολήν/a parábola” no v.10 é tomada em maior consideração, mas sempre do ponto de vista da crítica da redação.

A tradução aqui proposta tem objetivo funcional, buscando destacar a especificidade das formas verbais, mesmo que o resultado apresente certa dureza estética.

v. 10	Καὶ ὅτε ἐγένετο κατὰ μόνας, ἡρώτων αὐτὸν οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα τὰς παραβολάς	E, quando ficou só, perguntavam-lhe aqueles em torno a ele com os Doze as parábolas.
v. 11	καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς· ὕμῖν τὸ μυστήριον δέδοται τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ· ἐκεῖνοις δὲ τοῖς ἔξω ἐν παραβολαῖς τὰ πάντα γίνεται,	E lhes dizia: “A vocês tem sido dado o mistério do Reino de Deus; àqueles de fora, porém, todas as coisas acontecem em parábolas
v. 12	ἵνα βλέποντες βλέπωσιν καὶ μὴ ἴδωσιν, καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν καὶ μὴ συνιῶσιν, μήποτε ἐπιστρέψωσιν καὶ ἀφεθῆ ἑαυτοῖς.	a fim de que, mesmo vendo, vejam, mas não percebam, e, mesmo ouvindo, ouçam, mas não entendam, para que não se convertam e não lhes seja perdoado”.

2. Delimitação do texto

A perícopie de Mc 4,10-12 está situada dentro da chamada seção das parábolas (4,1-34) do Evangelho de Marcos¹². Os elementos que marcam o ambiente e os personagens são descritos no v. 1. O texto é de caráter narrativo.

¹¹ LENTZEN-DEIS, F. *Comentário ao Evangelho de Marcos: Modelo de Nova Evangelização*. São Paulo: Ave Maria, 2003, p. 152.

¹² MULHOLLAND, D. M. *Marcos: Introdução e comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova. 1999, p. 80.

A ambientação se dá junto ao lago. Os personagens são Jesus (sujeito subentendido de “ἤρξατο/começou”), a multidão e os discípulos ou os Doze, que não são mencionados, mas cuja presença aqui é confirmada pelo contexto seguinte: a pergunta sobre a parábola (v. 10) pressupõe que estes a tenham ouvido. O v.2 continua a narração, especificando a modalidade do ensinamento de Jesus ἐν παραβολαῖς e introduzindo o seu discurso, que faz “parte do grande discurso didático de Jesus”¹³. Segue-se, então, um discurso direto proferido por Jesus, a chamada parábola do semeador (vv. 3-9). A conclusão desse primeiro discurso, no v. 9, é introduzida pela fórmula comum em Marcos – καὶ ἔλεγεν¹⁴ – o que faz com que alguns autores considerem o versículo como parte da unidade seguinte. Essa proposta é baseada também na presença do verbo “ἀκούω/ouvir”, que reaparece nas unidades seguintes (vv. 12.15.16.18.20.23.24.33).¹⁵ Na verdade, a fórmula “ὃς ἔχει ὅτα ἀκούειν ἀκουέτω/o que tem ouvidos para ouvir que ouça”, sempre marca o fim de um ensinamento. Essa se repete em 4,23 e em 7,16 (em: A D K W Γ Δ^c Θ^f 1.13 33 565 579 700 892 1241 1424 ℣ latt sy sa^{mss} bo^{pt}), bem como Mt 11,15; 13,43; 14,35 e ainda, com problemas de crítica textual, em Mt 25,29; Lc 12,21; 13,9; 21,4. A expressão se configura como uma nota de ênfase final, com a mesma função que “em verdade, em verdade eu vos digo”, que exerce no início de uma sentença, mostrando-se, assim, um forte indício de conclusão do texto.¹⁶

¹³ PESCH, 1980, p. 380.

¹⁴ Marcos: 17 ocorrências; Lucas: 2; Mateus: 0.

¹⁵ Especialmente MEYNET, R. *Il Vangelo di Marco*. RBS 8. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2016, p. 119 e 126-127; SOLICHIN, V. R. La luce della parola e il dono dell’ascolto: La composizione del discorso parabolico di Mc 4,1-34. In: MEYNET, R.; ONISZCZUK, J. (Eds.). *Atti del primo convegno RBS* (RBS 1). Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2009, p. 269.

¹⁶ QUESNELL, Q. *The Mind of Mark: Interpretation and Method through the Exegesis of Mark 6,52* (AnBib 38). Rome: Loyola Press, 1969, p. 77, nota 25. Da mesma maneira MOULE, Yet Once More, p. 101, diz que a parábola se conclui significativamente com essa chamada a uma resposta. GUELICH, R. A. *Mark 1-8:26*. WBC 34A. Dallas: Thomas Nelson Inc, 1989, p. 195-196, chama a atenção para a inclusão que a expressão forma com o imperativo (ἀκούετε) em 4,3 (LÉGASSE, L’Évangile de Marc, p. 262, também cita a inclusão), e para a forma negativa da expressão em 8,18 (ὅτα ἔχοντες οὐκ ἀκούετε;), a qual, por sua vez, se relaciona tematicamente com Is 6,9. FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark*. NIGTC. Grand Rapids: Eedermans, 2002,

A frase καὶ ὅτε ἐγένετο κατὰ μόνας (v. 10), retomando o modo narrativo do texto, introduz uma nova ambientação temporal e espacial, interrompendo e mudando o discurso¹⁷. A situação temporal, posterior àquela da proclamação da parábola, é claramente identificada pela conjunção ὅτε, que introduz uma oração subordinada temporal. A mudança de ambiente espacial é pressuposta, visto que não é lógico nem que Jesus tenha ficado sozinho na barca (v. 1), nem que os personagens mencionados estejam todos com Jesus dentro da barca. Quanto aos personagens, estes são reduzidos: a multidão desaparece e dá lugar a um grupo indefinido – οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα – que, além do mais, representa na narrativa uma mudança de sujeito. A menção de οἱ περὶ αὐτὸν, expressão que recorre da 3,32.34, pode indicar que a cena se desenvolve em Cafarnaum.

O v. 10 é caracterizado, além do mais, por uma sutil alteração temática: depois da exposição por Jesus da parábola do semeador, a questão introduzida agora por aqueles que estão em torno a ele com os Doze é sobre “τὰς παραβολάς. Embora seja impossível negar a correspondência temática tanto com a unidade antecedente (vv. 1-9) como com a sucessiva (vv. 13-20: a explicação da parábola do semeador), o tema aqui é diferente e mais amplo: por que Jesus usa parábolas no seu modo de ensinar?

Essa pergunta é respondida por Jesus nos vv. 11-12. No v. 11, depois da introdução narrativa característica – καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς –, o discurso direto de Jesus se desenvolve em duas frases principais, coordenadas adversativamente com a conjunção δέ. À última afirmação do v. 11 são subordinadas as orações do v. 12 – a citação/alusão de Is 6,9-10 –, introduzidas respectivamente por ἵνα e μήποτε. E dessa maneira é concluído o discurso direto.

p. 193, classifica a expressão como uma “conclusão apropriada”, enquanto FOCANT, C. La recontextualisation d’Is 6,9-10 en Mc 4,10-12 ou un exemple de non-citation. In: FOCANT, C. (Ed.). *Marc, un évangile étonnant: Recueil d’essais* (BETHL 194). Leuven; Paris; Dudley MA: Universitaire Pers Leuven, 2006. p. 160, afirma que essa efetua uma transição natural para os vv. 9-10, onde o tema da incompreensão será tratado (também BOCK, D. *Mark*. NCBiC. New York: Cambridge University Press, 2015, p. 174; EDWARDS, J. R. *The Gospel According to Mark*. PilNTC. Grand Rapids: Eedemans, 2002, p. 130).

¹⁷ GNILKA, J. *El Evangelio Según San Marcos*. Vol. 1: Mc 1-8,26, Salamanca: Sígueme, 1986, p. 189; ERNST, J. *Il Vangelo secondo Marco*. Vol. 1, Il Nuovo Testamento commentato, Brescia: Morcelliana, 1991, p. 205; GRASSO, 2003, p. 126.

O v. 13 representa uma nova alteração de tema: é retomada como argumento a parábola do semeador, identificável em τὴν παραβολὴν ταύτην, para agora ser apresentada a sua explicação. Depois da introdução – καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς” – muito frequente em Marcos, seguem uma reprovação da parte de Jesus – “οὐκ οἶδατε τὴν παραβολὴν ταύτην, καὶ πῶς πάσας τὰς παραβολὰς γνῶσεσθε;/não entendeis esta parábola, e como entenderei todas as parábolas?” – e a explicação da parábola (vv. 14-20).

A individuação de todos esses elementos contribui para afirmar que o v. 10 inicia uma nova unidade de texto dentro da narrativa de Marcos, completa e coerente, a qual termina com a alusão de Is 6,9-10 no v. 12. De fato, do ponto de vista narrativo são observados no interior dessa unidade uma ambientação temporal e a menção de uma questão dirigida a Jesus (v. 10) e a resposta a essa questão (v. 11), a qual inclui a referência ao texto de Isaías (v. 12).

3. O uso de Is 6,9-10 em Mc 4,12: elementos de intertextualidade

Quando se toma contato com Mc 4,12, logo se percebe que o modo como Marcos dispõe o texto de Is 6,9-10 não segue a forma de uma citação literal. Essa se mostra muito mais como uma paráfrase¹⁸, uma interpretação livre¹⁹ ou uma alusão²⁰.

Considerando especificamente o uso que o Novo Testamento faz de Is 6,9-10, é possível observar três categorias distintas: (1) Citação em sentido estreito, com delimitação através de fórmula de introdução e

¹⁸ WATTS, R. E. *Isaiah's New Exodus and Mark*. WUNT 88. Tübingen: Baker Academic Press, 1997, p. 186. HATINA, T. R. *In Search of a Context: The Function of Scripture in Mark's Narrative*. JSNTSup 232 – SSEJC 8. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2002, p. 185, por causa da quantidade de texto, fala de citação parafraseada, antes que alusão. EVANS, C. A. *The Function of Isaiah 6:9-10 in Mark and John*. *Novum Testamentum*, n. 24, 1982, p. 126, bem como LEGASSE, S. *L'Évangile de Marc*. Paris: Cerf, 1997, p. 269, falam de “abreviação parafraseada”, correspondendo bem às omissões aí observadas.

¹⁹ CHILTON, B. D. *A Galilean Rabbi and His Bible: Jesus' Use of the Interpreted Scripture of His Time* (GNS 8). Wilmington, Delaware: SPCK Publishing, 1984, p. 91.

²⁰ ESTRELLA, C. J. Is 6,9-10 nel Nuovo Testamento. In: BELLI, F. *et al. L'Antico nel Nuovo: Il ricorso alla Scrittura nel Nuovo Testamento*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2008, p. 80.

reprodução literal da fonte, como ocorre em Mt 13,14-15 e At 28,26-27; (2) Citação, com a característica da delimitação formal, mas faltando o critério da literalidade, como acontece em Jo 12,40; (3) Alusão, como acontece em Mc 4,12; Mt 13,13 e Lc 8,10.²¹

A análise formal da alusão a Is 6,9-10 em Mc 4,12 buscará, primeiramente, escrutar qual fonte de Isaías pode ter sido a base textual de Marcos²². Esse passo é importante para que, posteriormente, se possa compreender a intenção do evangelista diante das diferenças presentes no texto em relação à sua fonte.

Entretanto, é preciso ressaltar, em nível metodológico, que uma simples demarcação do texto de Marcos em material tradicional e obra redacional não resulta suficiente para uma legítima interpretação, ainda mais quando se observa uma tendência a descartar o material tradicional como não representativo da teologia do evangelista.²³ A esse respeito, é preciso sublinhar a força da associação que Marcos faz com Is 6,9-10, e negar que essa seja desprovida da sua carga veterotestamentária. Muito mais do que motivado por razões de cunho apologético ou polêmico, ou mesmo por um mero uso de fraseologia proverbial e estereotipada, Marcos expõe aqui uma verdadeira reflexão teológica, em base a uma analogia de situações significativa e iluminante.²⁴

Analisemos, por exemplo, como se concentra no novo contexto onde aparece a alusão a Is 6,9-10, observando o modo como Marcos o utiliza, e considerando, inclusive, a importância de elementos omitidos pelo evangelista em relação ao texto de Isaías.

²¹ ESTRELLA, 2008, p. 79-80. O autor adverte, porém, que a alusão não deve ser entendida como uma “citação de baixa qualidade”, mas que, ao contrário, sendo um modo diverso de colocar os textos em relação, pode ter implicações mesmo maiores que a própria citação direta. SCHNECK, R. *Isaiah in the Gospel of Mark: I-VIII*: Bogotá: BIBAL Press, 1994, p. 124, fala de uma “citação virtual”, um uso arranjado do texto, fiel ao sentido literal, condensando-o e parafrazeando-o, a fim de acomodá-lo ao novo contexto.

²² GNILKA, 1986, p. 190.

²³ TUCKETT, C. M. *Mark's Concerns in the Parables Chapter (Mark 4,1-34)*. *Biblica*, n. 69, p. 1-26, 1988, p. 1-2, adverte para essa tendência, especialmente na leitura de Mc 4, onde a presença do material parabólico, sendo tradicional, não seria reflexo do pensamento teológico do evangelista.

²⁴ FUSCO, V. *Parola e Regno: La sezione delle parabole (Mc. 4,1-34) nella prospettiva marciana*. Brescia: Morcelliana, 1980, p. 256-257.

Mc 4,12	LXX	Is 6,9-10	TM	Targum
ἵνα βλέποντες βλέπωσιν	⁹ ἀκοῆ ἀκούσετε		שְׁמַעוּ שְׁמוּעַ	דְּשְׁמַעְיִין מְשַׁמְעַ
καὶ μὴ ἴδωσιν,	καὶ οὐ μὴ συνῆτε		וְאַל-תִּבְיֵנוּ	וְאַל מְסַתְּכְלִין
καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν	καὶ βλέποντες βλέψετε		וְרָאוּ רְאוּ	וְחִזְנוּ מְחַזְּנָא
καὶ μὴ συνιῶσιν,	καὶ οὐ μὴ ἴδητε		וְאַל-תִּדְעוּ:	וְאַל יִדְעוּ:
μήποτε	¹⁰ (...) μήποτε		פֶּן(...)	דְּלִמָּא(...)
	ἴδωσιν τοῖς ὀφθαλμοῖς		יִרְאֶה בְּעֵינָיו	יְחִזֵּן בְּעֵינֵיהוֹן
	καὶ τοῖς ὠσὶν ἀκούσωσιν		וּבְאָזְנוֹ יִשְׁמָעַ	וּבְאִזְדָּנְהוֹן יִשְׁמַעְוֹן
	καὶ τῇ καρδίᾳ συνῶσιν		וּלְבָבוֹ יִבְיֵן	וּבְלִיבְהוֹן יִסְתְּכְלִין
ἐπιστρέψωσιν	καὶ ἐπιστρέψωσιν		וְשָׁב	וְיִתְוָבֹן
καὶ ἀφεθῆ αὐτοῖς.	καὶ ἰάσομαι αὐτούς		וְרָפָא לוֹ:	וְיִשְׁתַּיְבִּימ לְהוֹן:

São apontadas algumas diferenças entre os textos de Marcos e Isaías: (1) as sentenças acerca do “ouvir” e “ver” são invertidas em relação ao TM, LXX e Targum; (2) as formas verbais em segunda pessoa plural no v. 9 (TM e LXX, não, porém, no Targum) figuram em terceira pessoa; (3) a frase final – “καὶ ἀφεθῆ αὐτοῖς *le [não] lhes seja perdoado*” – parece muito mais corresponder à versão aramaica, a qual traduz em modo próprio o sentido lato de “curar” do TM e da LXX. Por fim (4), é preciso notar que grande parte de Is 6,10 foi omitido pelo evangelista, especialmente a referência ao coração endurecido²⁵.

A ordem da sentença com “ver” antes de “ouvir” (1) é explicada comumente tomando em consideração o interesse de Marcos no sentido da visão.²⁶ De fato, é verificável, a esse respeito, a valência dada às curas de cegos no Evangelho. Entretanto, é também notável que, antes dessas descrições, em 7,31-37, é apresentada, com uma cena não menos detalhada, a cura de um surdo-mudo na região da Decápolis. O argumento da preferência pelo sentido da visão, baseado nessa observação, não parece ser determinante.

Uma explicação em chave técnico-retórica observa que, muitas vezes, a alusão a um texto feita sem fórmula introdutória, procura imprimir neste alguma modificação de ordem, com o objetivo de deslocar o

²⁵ ERNST, 1991, p. 207-208.

²⁶ WATTS, 1997, p. 186, assume essa posição, citando como exemplos as duas curas de cego em Mc 8,22-26 (Betsaida) e Mc 10,46-52 (Jericó). BOCK, 2015, p. 175, acrescenta as diversas menções no capítulo 13 e 15,32.36.39.

leitor/ouvinte já habituado com o texto na sua forma original.²⁷ Marcos, assim, teria invertido a ordem das frases iniciais de Is 6,9 para fazer com que o seu público, por via de um desconcerto momentâneo, tomasse consciência que, de fato, se trata de uma alusão a Isaías. Tal proposta implica que o público de Marcos conhecesse o texto de Isaías de cor, o que não soa convincente. Já foi sugerido, inclusive, que a inversão se explicaria simplesmente pelo fato que Marcos teria usado uma “versão grega perdida de Isaías”.²⁸ Contudo, é mais fácil pensar em uma combinação dos vv. 9 e 10 da versão LXX, visto que no v. 10 o “ver” figura antes que o “ouvir”.²⁹ Essa se mostra como a solução mais óbvia e que encontra fundamentação no próprio texto de Isaías.

As formas verbais que figuram em terceira pessoa (2) – “βλέπωσιν/*vejam*”, “ἴδωσιν/*percebam*”, “ἀκούωσιν/*ouçam*” e “συνιῶσιν/*entendam*” – bem como a tradução do último verbo (רָשׁ) com “ἀφεθῆ/*seja perdoado*” levaram muitos autores a identificar a fonte de Marcos como sendo o Targum de Isaías.³⁰ A mudança de segunda para terceira pessoa, todavia, não é fator suficiente para uma imediata identificação com a leitura do Targum, visto que os participios em aramaico, de *per se*, não exprimem pessoa. Além do mais, a já citada combinação dos vv. 9 e 10 da LXX pode explicar em modo mais claro esse fenômeno. Enfim, a própria estrutura do discurso imposta por Marcos exige a terceira pessoa, fazendo referência ao elemento imediatamente anterior no discurso de Jesus, ou seja, “τοῖς ἔξω/*aos de fora*”.

²⁷ BEENTJES, P. C. Inverted Quotations in the Bible: A Neglected Stylistic Pattern *Biblica*, n. 63, 1982, p. 506-523, faz um estudo de casos tanto do AT como do NT, citando como exemplo Mc 12,1 (Is 5,2 LXX). Curiosamente o autor não faz nenhuma menção a Mc 4,12.

²⁸ BEAVIS, M.-A. *Mark's Audience: The Literary and Social Setting of Mark 4,11-12* (JSOTSup 33). Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989, p. 140.

²⁹ GOULDER, M. D. Those Outside (MK. 4:10-12). *Novum Testamentum*, n. 33, 1991, p. 297. Provavelmente esse é o motivo pelo qual a passagem não é considerada por BEENTJES, 1982, p. 519-520: por não a ter considerado uma inversão de Is 6,9, mas antes uma alusão em base à ordem verificada em Is 6,10.

³⁰ EVANS, 1982, p. 127, nota 10, faz uma lista desses autores, dentre os quais Manson (1948), Gnilka (1961) e Jeremias (1963). À sua lista podem ser acrescentados Chilton (1984) e Schneck (1994). A afirmação do Targum como fonte de Marcos deu ocasião para o surgimento da teoria da tradução errônea que resulta em ἵνα e μήποτε; GRASSO, 2003, p. 126-130.

Mesmo o final “καὶ ἀφεθῆ ἀὐτοῖς /e não lhes seja perdoado” (3) pode não ser uma indicação determinante para afirmar a dependência de uma fonte aramaica (Targum). O semitismo aí expresso (ישתביק להון) [Targum]; ܠܐ ܕܥܒܪܐ [Peshitta]³¹ e também לו אָרָפֶּךָ [TM]) pode ser resultado de uma “mimese não semiotizada”, ou seja, um discurso referido do modo como foi recebido.³² A explicação pode residir no uso livre que Marcos faz da LXX e também no contexto do próprio Evangelho: o sentido de “curar” (TM/ LXX) não se mostra suficiente em 4,12, do momento em que o evangelista visa explicitar que a cura é referida em nível espiritual. Vale também ressaltar que o uso em paralelo das raízes אָרָפֶּךָ e פָּלַט é atestado no AT (Sl 103,3 e 2Cr 7,14), corroborando, dessa maneira, a liberdade na escolha de uma ou de outra.

O exemplo do uso livre da LXX por Marcos vem das alterações efetuadas no texto de Mt 3,1 já no início do Evangelho (1,2). Quanto ao uso do verbo “ἀφίημι/perdoar”, na diátese passiva e com dativo, esse tem paralelo em 3,28 (“ἀφεθήσεται τοῖς υἱοῖς τῶν ἀνθρώπων/será perdoado aos filhos dos homens”). Além do mais, a combinação de “ἐπιστρέφω/converter-se” e “ἀφίημι/perdoar” pode inclusive ter correspondência com “μετανοίας εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν/de arrependimento para perdão de pecados” (1,4), considerando que “μετάνοια/arrependimento” e “ἐπιστρέφω/converter-se” pertencem ao mesmo campo semântico. Dessa maneira, a presença de “καὶ ἀφεθῆ ἀὐτοῖς /e [não] lhes seja perdoado” em 4,12 pode muito bem estar em relação com a forma encontrada em 3,28 e com o próprio TM, mudando simplesmente a raiz verbal (como também fizeram as versões aramaica e siríaca).³³

Desse modo, é possível dizer que os dois argumentos mais fortes para a associação de Mc 4,12 com a versão do Targum de Is 6,9-10

³¹ CHILTON, B. D. *A Galilean Rabbi and His Bible: Jesus' Use of the Interpreted Scripture of His Time* (GNS 8). Wilmington, Delaware: SPCK Publishing, 1984, p. 91, pensa que a versão siríaca, nesse ponto, possa ter sofrido influência do próprio texto de Marcos (também EVANS, 1982, 78, nota 7; HATINA, 2002, p. 186, nota 5); GNILKA, 1986, p. 191.

³² ESTRELLA, 2008, p. 94.

³³ GOULDER, 1991, p. 297. O autor critica duramente a tentativa de associação com o Targum, alegando que essa serve somente para “as esperanças espúrias da hipótese de tradução incorreta”. WATTS, 1997, p. 187, também aponta para a importância da relação entre 4,12 e 3,28.

pecam pela não suficiente consideração do modo como o evangelista usa a versão grega dos LXX e do próprio contexto do Evangelho. É preciso referir, então, as semelhanças aí observadas com o texto grego.

As principais correspondências do paralelo entre Mc 4,12 e Is 6,9-10 (LXX) são: (i) a estrutura βλέποντες βλέπ- (“*vendo, vejam*”) seguido de μή ἰδ- (“*não percebam*”) (justamente em modo subjuntivo); (ii) o uso de “μήποτε/para que não”³⁴, quando “ἵνα μή/a fim de que não” soaria menos incomum³⁵; (iii) a tradução do verbo כּוּשׁ com “ἐπιστρέψωσιν/convertam-se”.³⁶

A construção ἵνα + subjuntivo reflete uma tensão na direção do futuro, podendo tanto apontar para as formas em futuro indicativo (LXX), como para as formas imperativas (TM, Peshitta, Vulgata³⁷). Esse é um ulterior argumento contra a dependência do Targum, única versão que não exprime essa tensão em direção ao futuro.³⁸

Dentre as diferenças em nível formal entre Mc 4,12 e Is 6,9-10, resta ainda notar o que foi omitido pelo evangelista (4) e o impacto dessa omissão no seu texto.

³⁴ GOULDER, 1991, p. 296, argumenta com o escasso uso de μήποτε no cânon profético (Is 6,10; 8,12 e Jr 47,15, os dois últimos com problemas textuais). Em Marcos, ocorre somente em 4,12 e 14,2.

³⁵ Em Isaías: 14,21; 26,10; 33,15 (bis); 38,17; 40,20; 48,19. Em Marcos: 3,9.12; 5,10; 13,18; 14,38.

³⁶ GOULDER, 1991, alega que, em uma eventual tradução do Targum, se esperaria que Marcos traduzisse כּוּשׁ com μετανοήσωσιν. De fato, das quatro ocorrências do verbo ἐπιστρέφω em Marcos (4,12; 5,30; 8,33; 13,16), somente 4,12 tem um sentido moral de conversão. As demais exprimem o sentido estrito (físico-espacial) da mesma. Por outro lado, o verbo μετανοέω (1,15; 6,12) é usado com o sentido de mudança de vida. É possível acrescentar, ainda, a já citada ocorrência do substantivo da mesma raiz (μετάνοια, em 1,4), o qual, do ponto de vista narratológico, está em perfeito paralelo com 1,15.

³⁷ “*excaeca cor populi huius et aures eius adgrava et oculus eius claudet (...)*”

³⁸ ESTRELLA, 2008, p. 93.

	Is 6,9-10 (LXX)	Mc 4,12	Is 6,9-10 (TM)
v. 9	καὶ εἶπεν πορεύθητι καὶ εἰπὸν τῷ λαῷ τούτῳ ἀκοῆ ἀκούσετε καὶ οὐ μὴ συνῆτε καὶ βλέποντες βλέψετε καὶ οὐ μὴ ἴδητε	ἵνα βλέποντες βλέπωσιν καὶ μὴ ἴδωσιν, καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν καὶ μὴ συνιῶσιν,	וַיֹּאמֶר לְךָ וַיֹּאמְרָה לְעַם הַזֶּה שְׁמָעוּ שְׁמָעוּ וְאַל־תִּבְיִנוּ וְרָאוּ רָאוּ וְאַל־תִּדְעוּ:
v. 10	παχύνθη γὰρ ἡ καρδία τοῦ λαοῦ τούτου καὶ τοῖς ὠσὶν αὐτῶν βαρέως ἤκουσαν καὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτῶν ἐκάμμυσαν μήποτε ἴδωσιν τοῖς ὀφθαλμοῖς καὶ τοῖς ὠσὶν ἀκούσωσιν καὶ τῇ καρδίᾳ συνῶσιν καὶ ἐπιστρέψωσιν καὶ ἰάσομαι αὐτούς	μήποτε ἐπιστρέψωσιν καὶ ἀφεθῆ ἀντοῖς.	הַשְׂמִין לִב־הָעַם הַזֶּה וְאַזְנֵי הַכֶּבֶד וְעֵינָיו הַשַּׁע פֶּן־יִרְאֶה בְּעֵינָיו וּבְאָזְנָיו שְׁמָע וּלְבָבוֹ יִבִּין וְשָׁב וְרָפָא לוֹ:

Duas omissões podem ser observadas em Mc 4,12 com relação a Is 6,9-10: (i) o referimento ao coração rendido insensível e (ii) as sentenças acerca de “ver”, “ouvir” e “entender” depois de μήποτε (v. 10).

A ausência da menção do coração duro (i) tem sido usada como argumento para mitigar o valor final da conjunção ἵνα/ que introduz a sentença³⁹ ou como sinal de uma restrição da sentença à esfera gnosiológica, excluindo desse modo o aspecto da vontade.⁴⁰

Marcos é o evangelista mais interessado no tema do endurecimento do coração, apresentando-o ou com uma combinação do substantivo “καρδία/coração” + raiz “πωρόω/endurecer” (3,5; 6,52; 8,17) ou com o termo “σκληροκαρδία/dureza de coração” (10,5; 16,14).

A significativa presença do tema do endurecimento no Evangelho de Marcos, expressado e aplicado de maneira variada, mostra que a falta

³⁹ WATTS, 1997, p. 188.

⁴⁰ ESTRELLA, 2008, p. 95-96.

da referência explícita ao coração em 4,12 não tem um peso determinante. Mormente não é o caso de mitigar o sentido de finalidade da conjunção ἵνα em virtude de tal ausência terminológica.

É importante notar que a presença de uma terminologia rica para exprimir a noção de endurecimento não implica que essa tenha que ser necessariamente usada contemporaneamente na sua inteireza, já que as expressões são fixas, associadas de maneira tradicional e evocando-se mutuamente. Além do mais, pode acontecer que, por questão de estilo, o uso de um binômio tenha sido preferido pelo autor.⁴¹

A ausência das sentenças acerca de “ver”, “ouvir” e “entender” depois de μήποτε (ii) pode ser entendida dentro de um processo de “prosi-ficação” do texto de Isaías.⁴² De fato, as referidas sentenças em Is 6,10 têm, do ponto de vista formal, uma função poética, ao repetir elementos em maneira espelhada (quiástica): coração-ouvidos-olhos; olhos-ouvidos-coração.⁴³ O que se observa, contudo, é a total omissão do início do versículo, dado que a menção ao “ver” e “ouvir” já foram tomados do v. 9, não sendo requerida a sua repetição.

A observação da forma como Marcos utiliza o texto de Is 6,10 mostra, então, que ele toma parte do v. 9 (forte correspondência lexicológica e mesmo formal), invertendo a ordem das sentenças (por influência da ordem verificada na segunda parte do v. 10), e, do v. 10, toma a conjunção μήποτε e as duas sentenças finais, alterando “רָפָא/ιάσομαι/curar” de acordo com o significado paralelo das raízes no AT, com o seu vocabulário usual e a sua intenção teológica. Na nova estrutura do discurso resulta uma coordenação entre “ἵνα/a fim de que” e “μήποτε/para que não”, fortalecendo o aspecto de finalidade das sentenças⁴⁴.

⁴¹ FUSCO, 1980, p. 260, nota 162. Além do binômio olhos-ouvidos de Mc 4,12, o autor cita Jo 12,40 que prefere olhos-coração.

⁴² ESTRELLA, 2008, p. 96.

⁴³ Diversos autores fazem referência a essa estrutura formal em Is 6,10. A título de exemplo ROBINSON, G. D. The Motif of Deafness and Blindness. *Bulletin for Biblical Research*, n. 8, 1998, p. 176.

⁴⁴ POHL, A. *Evangelho de Marcos*. Comentário Esperança. São Paulo: Editora Esperança, 1998, p. 154.

4. Análise exegética de Mc 4,10-12

4.1 Versículo 10

A expressão “κατὰ μόνας/a sós” é *hápax legómenon* no Evangelho de Marcos. Funcionando como modificador de ἐγένετο, tem uma função adverbial espacial: “estar à parte”.⁴⁵ Na LXX, comparece dez vezes, sempre com sentido geral de “à parte”, traduzindo o hebraico לְבַד (Gn 32,17; Jz 7,5; Sl 4,9), לְבַדָּ (Jr 15,17; Lm 3,28) ou לְבַדָּ (Sl 32,15; 140,10). No NT se repete somente em Lc 9,18, onde se diz que Jesus orava “à parte”.

Em Marcos é mais frequente, com valência semelhante, o uso de κατ’ ἰδίαν (4,34; 6,31.32; 7,33; 9,2.28; 13,3), reforçado, porém, de diferentes maneiras: κατ’ ἰδίαν εἰς ἔρημον τόπον (6,31: “a sós, para um lugar deserto”); εἰς ἔρημον τόπον κατ’ ἰδίαν (6,32: “para um lugar deserto, a sós”); ἀπὸ τοῦ ὄχλου κατ’ ἰδίαν (7,33: “da multidão, em particular”); κατ’ ἰδίαν μόνους (9,2: “em particular, sozinhos”); εἰς οἶκον ... κατ’ ἰδίαν (9,28: “para a casa... a sós”). Assim, é possível pensar que Marcos tenha considerado insuficiente o uso simples de κατ’ ἰδίαν para fazer o transferência de quadro de um ensinamento geral a um diálogo mais restrito. A mesma expressão em Lc 9,18, assim como em Mc 4,10, modifica um verbo de estado (γίνομαι em Mc, εἰμί em Lc). A sugestão aqui, é que o estágio final é alcançado, não através do movimento do sujeito principal, mas da dispersão dos demais envolvidos. E assim, mesmo sendo κατὰ μόνας um sinônimo de κατ’ ἰδίαν⁴⁶, o primeiro exprime simplesmente “estar só”, enquanto o segundo implica a ideia “em lugar privado”. Além do mais, a preferência por κατὰ μόνας pode ser devida ao círculo não tão restrito de personagens envolvidos (não somente os Doze), visto que κατ’ ἰδίαν, pela etimologia, exprime algo de próprio, reservado. De maneira mais simples, pode ser uma escolha feita para evitar a repetição (v. 34: κατ’ ἰδίαν).⁴⁷

⁴⁵ BDF § 241; ROBERTSON, *Grammar*, p. 653; EDNT II, p. 253, acentua a noção: sozinho por si mesmo (“for oneself alone”).

⁴⁶ STANDAERT, B. *Marco*. Vangelo di una notte vangelo per la vita. Commentario, Testi e Commenti, A2. Bologna: EDB, 2012, p. 243.

⁴⁷ FUSCO, 1980, p. 208-209.

De tudo, é preciso salientar que a ideia central transmitida pela expressão *κατὰ μόνας* é que Jesus, depois de um ensinamento generalizado a toda a multidão (*ὄχλος πλεῖστος*, 4,1), agora fica só, dando ocasião para que seus discípulos mais próximos (os Doze) e um número indefinido de agregados possam ter um contato mais íntimo e receber posteriores ensinamentos.⁴⁸ O afinamento do auditório também resultará em um ensinamento de maior densidade. Para tanto, é preciso questionar-se quem são estes “em torno a ele” (Mc 4,10).

A expressão *οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα*, sendo única em Marcos, não é isenta de dificuldades. A questão central, obviamente, não está na identidade dos Doze, do momento em que esses foram já apresentados na seção imediatamente anterior do Evangelho (3,13-19), mas reside na ambiguidade com respeito à abrangência da expressão *οἱ περὶ αὐτὸν*.

Uma questão que pode motivar a identificação de *οἱ περὶ αὐτὸν* consiste em examinar se a expressão designa uma gama de pessoas reunida por acaso⁴⁹, depois da exposição da parábola do semeador, ou se se trata um grupo fixo de seguidores, ou seja, de qual natureza se trata a relação entre esse grupo e a pessoa de Jesus. Além do mais, é preciso interrogar-se se se trata de um grupo delimitado ou se existe variação nos seus componentes.

O sintagma *οἱ περὶ αὐτὸν* é a substantivação de um complemento de lugar.⁵⁰ Na LXX, referindo-se a pessoas, é encontrado especialmente no Segundo Livro dos Macabeus, sempre em relação a um exército reunido em torno a um chefe (1,13; 2,2; 8,13; 12,15.20; 13,15; 14,30), do que se pode intuir a noção clara de fidelidade em torno ao líder militar.⁵¹ No NT, referindo-se a pessoas, a fórmula é encontrada em outras duas ocasiões, como temos no texto de Mc 3,34: “καὶ περιβλεψάμενος τοὺς περὶ αὐτὸν

⁴⁸ A instrução privada é um motivo recorrente em Marcos: 4,14-20. 33-34; 7,17-22; 9,28-29; 10,10-12; 13,3-37. É também ocasião de intimidade com o seu círculo mais próximo (HARTLEY, D. E. *The Wisdom Background and Parabolic Implications of Isaiah 6:9-10 in the Synoptics*. SBLit 100. New York: Peter Lang Inc; International Academic Publishers, 2006, p. 238-239).

⁴⁹ Como propõe, por exemplo, MOULE, C. F. D. Mark 4:1-20 Yet Once More. In: ELLIS, E. E.; WILCOX, M. (Eds.). *Neotestamentica et Semitica: Studies in honour of Matthew Black*. Edinburgh: T & T Clark Publishers, 1969, p. 98.

⁵⁰ BDF § 228.

⁵¹ O mesmo sentido é verificado em 2Sm 15,18 e Ez 38,6.

κύκλω καθημένους λέγει· ἴδε ἡ μήτηρ μου καὶ οἱ ἀδελφοί μου/*e olhando em volta, ao seu redor, para os que estavam sentados em círculo, diz: eis minha mãe e meus irmãos*”.

O texto é significativo por figurar no contexto imediatamente anterior ao capítulo 4. Do objeto de περιβλεψάμενος – τοὺς περὶ αὐτόν – se diz que estavam sentados em círculo (κύκλω καθημένους), confirmando com o mesmo complemento (περὶ αὐτόν) e efetuando um reforço através do advérbio (κύκλω) a disposição espacial da multidão referida em 3,32: “καὶ ἐκάθητο περὶ αὐτόν ὄχλος/*e a multidão estava sentada ao redor dele*”. Uma ulterior nota de circularidade da ação é expressa pelo verbo composto περιβλέπω. A posição corporal (estar sentados) é indicativa da relação de um mestre com os seus discípulos. No v. 35, esse grupo é identificado como a “verdadeira família” de Jesus, cujo critério de parentela é o cumprimento da vontade de Deus.

Já em Lc 22,49: “Ἰδόντες δὲ οἱ περὶ αὐτόν τὸ ἐσόμενον εἶπαν· κύριε, εἰ πατάξομεν ἐν μαχαίρῃ;/*e vendo ao seu redor, o que acontecia, disseram: Senhor, devemos ferir com espada?*”, o contexto é a traição de Judas e a prisão de Jesus. O antecedente de οἱ περὶ αὐτόν são os discípulos (οἱ μαθηταί, v. 39). O modo como esses se dispõem em torno a Jesus para defendê-lo do que estava para acontecer assume um caráter quase militar, semelhante às ocorrências de οἱ περὶ αὐτόν em 2Mc, revelando, ao mesmo tempo, a fidelidade dos elementos do grupo ao líder.

A análise dessas ocorrências revela que “estar em torno” a alguém não aponta para uma disposição simplesmente espacial, mas quer referir-se a um aspecto mais envolvente e comprometido com a figura que está ao centro, seja em chave militar, como é figurado no AT, seja em chave de discipulado como é visto nos evangelhos.

A expressão enfatiza, portanto, que o círculo de seguidores compreende os Doze, mas não se restringe a esses. É a esse grupo (v. 11: ὑμῖν) que é dado o mistério do Reino de Deus. A menção dos Doze, então, assume significado não somente em si mesma (isto é, afirmar que esses, de fato, estavam lá e são destinatários do mistério), mas porque aumenta o círculo dos destinatários. Dizer somente οἱ περὶ αὐτόν poderia implicitamente sugerir “os Doze” ou “os discípulos” de maneira restritiva. O modo duplicado da expressão confere, assim,

um sentido muito mais abrangente e aberto ao círculo dos beneficiários do mistério dado.⁵²

A motivação desse grupo de apartar-se da multidão e estar próximo a Jesus é o desejo de um aprofundamento sobre as parábolas (ἡρώτων αὐτὸν ... τὰς παραβολάς)⁵³. A busca por entendimento mais profundo no contato íntimo com Jesus se revela como critério de identificação destes como “discípulos” de Jesus (4,34). A participação nesse grupo e o usufruto dos benefícios aí conferidos dependem da adesão livre daqueles que os requerem para si.

A parábola do semeador em si (vv. 3-9) não impõe grande dificuldade de compreensão. E, se fosse somente esse o caso, a forma ao singular (τὴν παραβολήν) seria muito mais aceitável. Então, é preciso perguntar-se o que, de fato, buscavam aqueles próximos a Jesus.

Observando a correspondência de τὰς παραβολάς com a forma plural que comparece no versículo seguinte (ἐν παραβολαῖς), a leitura que comumente tem sido feita, em nível de história da redação, é de uma modificação por parte de Marcos do singular ao plural para adequar o termo ao dito tradicional do v. 11.⁵⁴ Tudo depende do modo como os vv. 11-12 são considerados⁵⁵: de fato, se esses forem vistos como uma intromissão dentro do contexto parabólico, então é lógico que a pergunta tenha sido referida somente em relação à presente parábola, como a interpreta o texto paralelo de Lc 8,9: “Ἐπηρώτων δὲ αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ τίς αὕτη εἴη ἡ παραβολή;/E perguntaram a ele, os discípulos dele, o que seria esta parábola?”.

É, porém, a versão de Mateus a que melhor ilumina o sentido da questão dos discípulos, do momento em que o requerimento geral pode incluir tanto o sentido do falar em parábolas, como o próprio aprofundamento da parábola do semeador, segundo temos em Mt 13,10: “Καὶ προσελθόντες οἱ

⁵² Em chave narrativa, FRANCE, 2002, p. 194, nota que a neta distinção entre os que estavam no barco com Jesus e aqueles que estavam nas margens do lago é propositalmente encoberta, com o objetivo justamente de alargar o círculo dos íntimos de Jesus. LENTZEN-DEIS, 2003, p. 152, indo na linha da abrangência, afirma que se trata de “todos os que cumprem a vontade de Deus”, como temos em Mc 3,34.

⁵³ SCHNACKENBURG, 1985, p. 111.

⁵⁴ TUCKETT, 1988, p. 9; GUELICH, 1989, p. 204-205; RÄISÄNEN, H. *The ‘Messianic Secret’ in Mark’s Gospel*. SNTIW. Edinburgh: T & T Clark, 1990, p. 116.

⁵⁵ KIRKLAND, J. R. *The Earliest Understanding of Jesus’ Use of Parables: Mark IV 10-12 in Context*. *Novum Testamentum*, n. 19, 1977, p. 4-5.

μαθηταὶ εἶπαν αὐτῷ· διὰ τί ἐν παραβολαῖς λαλεῖς αὐτοῖς; / *le aproximando-se, os discípulos disseram a ele: por que falas em parábolas a eles?*”

Além do mais, do ponto de vista narrativo, ainda que o contexto imediato pudesse sugerir uma forma singular, a forma plural corresponde à lógica mais ampla da sequência narrativa, visto que outras parábolas têm sido já apresentadas (3,23-27). E a menção de um ensinamento amplo ἐν παραβολαῖς é verificado já na própria introdução à parábola do semeador (4,2), a qual se configura, assim, como um dos exemplos do ensinamento parabólico de Jesus.⁵⁶ Enfim, é plenamente plausível que os discípulos fossem movidos por mais de um ponto específico.⁵⁷ Por tudo isso, o uso do plural assume uma função muito mais abrangente, e justificada pela resposta de Jesus nos vv. 11-12.

O substantivo παραβολή ocorre 45 vezes no AT, das quais 11 dentro do *corpus* deuterocanônico (com ampla maioria no Livro do Eclesiástico: nove ocorrências). Traduz 33 vezes o hebraico לְפֶשֶׁן e uma única vez corresponde ao termo תִּלְלִיָה (“desvario”, em Ecl 1,17).⁵⁸ O sentido, na maioria das vezes, é de uma máxima de sabedoria, um provérbio, algo para ser meditado, porque é difícil e admirável (Eclo 47,15.17). Esse é o sentido geral verificado em Eclo. É presente também uma valência negativa de παραβολή, sendo, às vezes, associado com escárnio e gozação (Sb 5,4; Sl 44,14; 69,11; Jr 24,9) ou servindo como instrumento de ameaça (Mq 2,4; Hab 2,6; Ez 16,44; 24,3; Nm 23-24). Como sinônimo de enigma (תִּלְלִיָה/ πρόβλημα ou δῆγμα) pode ser verificado em Sl 49,4; 78,2; Ez 17,2. Enfim, em Dn 12,8, no acréscimo feito ao texto hebraico, παραβολή se refere à visão anterior do profeta.⁵⁹

⁵⁶ Assim também os vv. 13-20 se constituem como apenas um dos exemplos de explicação das parábolas (BROWN, S. *Secret of the Kingdom of God* (Mark 4:11). *Journal of Biblical Literature*, n. 92, 1973, 67).

⁵⁷ BROWN, 1973, p. 5. PESCH, 1980, p. 382, observa que tal tipo de pergunta pode até mesmo referir-se a imagens singulares da mesma parábola (MARCUS, J. *The Mystery of the Kingdom of God*. SBLDS 90. Atlanta: Scholars Press, 1986, p. 44, nota 107).

⁵⁸ KOEHLER; BAUMGARTNER, *Lexicon I*, p. 648, expõem quatro definições básicas de לְפֶשֶׁן: (i) dito de diferentes tipos e gêneros, incluindo enigmáticos; (ii) provérbio; (iii) máxima de sabedoria; (iv) canção de escárnio. O termo תִּלְלִיָה é associado a loucura e cegueira (p. 242).

⁵⁹ MURAOKA, T. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. Leuven: Peeters, 2009, p. 524-525.

Mesmo com a constatada polivalência de $\lambda\psi\mu\lambda$ / παραβολή no AT, é possível intuir o sentido geral do termo como se reportando a um pensamento analógico. É preciso também considerar a importância do tema da sabedoria: como reveladora dos mistérios de Deus, esta inclui as parábolas como seu instrumento⁶⁰.

Eclo 3,29 expõe as prerrogativas para que as parábolas possam ser compreendidas: o coração inteligente e o ouvido atento são predisposições que abrem o caminho para a compreensão das parábolas e, consequentemente, para o acesso ao mistério. Disso é possível perceber que elas não são enigmas absolutos, mas dependem de uma sabedoria comunicada. Àqueles que têm um coração capaz de entender e um ouvido capaz de ouvir, as parábolas se tornam via de acesso ao mistério divino. Aos quais, porém, essa sabedoria é deficitária ou ausente, elas se tornam simples enigmas desprovidos de sentido, cuja função é, por consequência, impedir a recepção do mistério. Dessa maneira se compreende o caráter judicial-seletivo do elemento parabólico, como é expresso em Mc 4,11.⁶¹

O uso de παραβολή no NT é notório: 50 ocorrências, das quais somente duas (Hb 9,9; 11,19) fora dos Evangelhos Sinóticos.⁶² O sentido varia entre provérbio, enigma, comparação, estória exemplar, estória com dois níveis de sentido, alegoria, símbolo, ou para transmitir a noção de sentido figurado.⁶³ Diferente do ensinamento parabólico rabínico, as parábolas de Jesus têm um elemento imperativo que visa à transformação do ouvinte, indo além de simples ajuda pedagógica.⁶⁴

A questão específica do grupo próximo a Jesus, a esse ponto, pode induzir a pensar que esses não entendiam absolutamente nada do que Jesus dizia e, por isso, desejam, de alguma maneira, possuir a chave para a interpretação dos enigmas. Todavia, diante da já apontada simplicidade da parábola do semeador, não parece que seja esse o caso. É possível

⁶⁰ POHL, 1998, p. 156.

⁶¹ HARTLEY, 2006, p. 248.

⁶² Hebreus: 2; Marcos: 13; Mateus: 17; Lucas: 18. A contraposição com a raridade do uso em autores como Platão e Aristóteles, Flávio Josefo ou Filão de Alexandria é destacada por HARTLEY, 2006, p. 246.

⁶³ BDAG, p. 759; CARMONA, Evangelio de Marcos, p. 59.

⁶⁴ EDNT III, p. 16; GNILKA, 1986, p. 191.

pensar, então, em um estágio de compreensão inicial o qual exerce um poder de atração na direção de Jesus. O intuito da questão se mostra, então, na linha de aprofundamento do conteúdo exposto e captado, mesmo que de maneira limitada.⁶⁵ Enfim, a reflexão sobre o sentido das parábolas depende ainda de elementos presentes no versículo seguinte, onde é afirmado que “ἐν παραβολαῖς τὰ πάντα γίνεται, como veremos.

4.2 Versículo 11

A estrutura do versículo é fortemente marcada pelo paralelismo antitético⁶⁶:

ὁμῖν	ἐκείνοις τοῖς ἔξω
δέδοται	γίνεται
τὸ μυστήριον ... τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ	ἐν παραβολαῖς τὰ πάντα

A contraposição é assinalada também sintaticamente pela presença da conjunção adversativa δέ no segundo membro. Além disso, é preciso notar a posição enfática dos componentes de ambos os grupos: ὁμῖν, fazendo referência a οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα do versículo anterior, e ἐκείνοις τοῖς ἔξω. Na sequência, vem descrita, igualmente em oposição, a condição de cada grupo: “τὸ μυστήριον δέδοται τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ/*o mistério do Reino de Deus tem sido dado*” e “ἐν παραβολαῖς τὰ πάντα γίνεται/*todas as coisas acontecem em parábolas*”.

Os passos seguintes se propõem a identificar, dentro dessa contraposição, quem são ἐκείνοις τοῖς ἔξω, o que é indicado por τὸ μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ em que sentido os de fora recebem ἐν παραβολαῖς τὰ πάντα.

A identificação de ἐκείνοις δὲ τοῖς ἔξω não é simples. O conceito de pertença e exclusão não é estranho no judaísmo (termos ἰσχυρῶς e ἰσχυρῶς

⁶⁵ MOULE, *Yet Once More*, p. 103, se questiona: “Por que não deveria significar que eles começaram a descobrir seu significado, mas queriam fazer perguntas sobre elas?”

⁶⁶ GNILKA, 1986, p. 190; CARMONA, 2009, p. 59; GRASSO, 2003, p. 129; PESCH, 1980, p. 381.

ou as expressões $\psi \alpha \iota \nu \epsilon \varsigma$ ou $\psi \alpha \iota \nu \epsilon \varsigma$), o que descarta a necessidade de recorrer a cultos místéricos como substrato da expressão.⁶⁷ No uso judaico a expressão הַיְצוּנִים designa os não-membros da sinagoga ou judeus apóstatas, ideia que, na Igreja primitiva, é associada àqueles que não pertencem à comunidade.⁶⁸

Nos evangelhos, a expressão $\text{o}\acute{\iota} \epsilon \xi \omega$ comparece somente aqui.⁶⁹ No Evangelho de Marcos, $\text{\xi}\omega$, como advérbio de lugar em sentido espacial, é verificado em 1,45; 3,31.32; 5,10; 8,23; 11,4.19; 12,8 e 14,68. Especial correspondência verificada com 3,31-32 (além da já estudada relação textual através da expressão $\text{\textit{per}\acute{i} \alpha\upsilon\tau\acute{o}\nu}$).

Dois grupos são referidos pela posição espacial em relação a Jesus: um grupo está sentado em torno dele e um segundo (os seus familiares) fica fora a causa da quantidade de gente. No contexto da inteira perícopos (3,20-35) são observadas ainda outras correspondências. Entretanto, é preciso ressaltar que se trata de duas perícopos distintas, caracterizadas cada qual com seu contexto específico. A conclusão de 3,31-35 ilumina a identificação da multidão $\text{\textit{per}\acute{i} \alpha\upsilon\tau\acute{o}\nu}$ e, conseqüentemente, daqueles que se posicionam fora, ou seja, o critério de participação no círculo de intimidade com Jesus é a disposição para cumprir a vontade de Deus.⁷⁰

O referente imediato de $\text{\acute{\epsilon}\kappa\epsilon\iota\upsilon\omicron\iota\varsigma}$ é a multidão, o que não é livre de confusões em nível narratológico, dado o seu caráter dinâmico. A multidão, mesmo representando semanticamente uma “entidade sociológica unificada”, não tem um papel unívoco dentro da dinâmica narrativa do Evangelho de Marcos.⁷¹ De fato, $\text{\acute{o}\chi\lambda\omicron\varsigma}$ é uma designação de tipo descritivo que, por natureza é indefinida e elástica, e cujo significado deve ser

⁶⁷ HARTLEY, 2006, p. 260.

⁶⁸ FUSCO, 1980, p. 225; RÄISÄNEN, H. *The 'Messianic Secret' in Mark's Gospel*. SNTIW. Edinburgh: T & T Clark, 1990, p. 78; LÉGASSE, 1997, p. 267-268; FO-CANT, 2006, p. 155; MARCUS, J. *Mark 1-8: A New Translation with Introduction and Commentary* (AB 27). New York: Yale University Press, 2000, p. 299.

⁶⁹ O paralelo em Mt 13,11 tem simplesmente a expressão generalizante com o pronome demonstrativo $\text{\acute{\epsilon}\kappa\epsilon\iota\upsilon\omicron\iota\varsigma}$ (“àqueles”). Lc 8,10, da mesma maneira, generaliza a expressão com o adjetivo substantivado $\text{\tau\omicron\iota\varsigma \lambda\omicron\iota\pi\omicron\iota\varsigma}$ (“aos demais”).

⁷⁰ O aspecto aberto de $\text{\textit{o}\acute{i} \text{\textit{per}\acute{i} \alpha\upsilon\tau\acute{o}\nu}}$ pode ser aplicado da mesma maneira a $\text{\textit{o}\acute{i} \text{\xi}\omega}$. O tom generalizado do versículo não encoraja uma identificação específica (FRANCE, 2002, p. 197-198); POHL, 1998, p. 157.

⁷¹ BEST, E. The Role of the Disciples in Mark. *New Testament Studies*, n. 23, 1977, p. 390.

buscado em cada ocasião singularmente, onde, diante do ensinamento de Jesus em parábolas, um grupo decide estar em torno dele, e outro grupo se decide a partir. Existe, então, uma divisão objetiva causada justamente pelo ensinamento em parábolas e pela conseqüente reação a tal modalidade de ensinamento. Tal seleção começa a tomar forma no capítulo 3, com a descrição espacial do grupo em torno a Jesus, passando para um caráter especificamente identitário no capítulo 4.⁷² A sentença de 4,11 se situa exatamente no momento em que tal seleção está em ato. Naquele momento não existe outra possibilidade: alguém ou é identificado com o grupo “em torno a Jesus”, ou faz parte do grupo heterogêneo daqueles “de fora”. A valência da expressão ἐκείνοις δὲ τοῖς ἔξω abrange, assim, toda a heterogeneidade desse grupo.

Em “τὸ μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ” tem-se mais um exemplo de *hápax legómenon* no NT. Além do mais, μυστήριον ao singular também não conta mais nenhuma ocorrência nos Evangelhos. Chama a atenção, da mesma forma, a interposição do verbo dentro da relação genitival e o próprio sentido de δέδοται (“ter sido dado”) em relação ao mistério, onde se esperaria um verbo de revelação ou comunicação cognitiva.⁷³ Por fim, é preciso também interrogar-se sobre o significado da especificação “do Reino de Deus”.

Com respeito à origem do termo μυστήριον e o modo como é usado no NT, existe uma corrente que sugere que tal origem seja baseada em religiões helenísticas, implicando um círculo fechado de iniciados capazes de entender e ao qual o mistério é comunicado⁷⁴, sendo Deus o revelador de seus segredos⁷⁵. O conceito helenístico não pode ser totalmente descartado, do momento em que a ideia em torno ao termo “mistério” no NT

⁷² FUSCO, 1980, p. 228, afirma que “as anotações espaciais assumem uma dimensão simbólico-espiritual”. Da mesma forma, MARCUS, 2000, p. 299, refere-se a uma “ressonância simbólica”.

⁷³ Como, por exemplo, no acréscimo de γινῶναι verificado nos paralelos de Mt 13,11 (ὁμῖν δέδοται γινῶναι τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν) e Lc 8,10 (ὁμῖν δέδοται γινῶναι τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ). Note-se também a forma plural de μυστήριον.

⁷⁴ CRANFIELD, C. E. B. *The Gospel According to St. Mark*. CGTC. London: Cambridge University Press, 1985, p. 152; FRANCE, 2002, p. 196.

⁷⁵ MULHOLLAND, 1999, p. 80; SOARES, S. A. G.; CORREIA JÚNIOR, J. L.; OLIVA, J. R. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 168.

também envolve um conhecimento privilegiado. Todavia, duas diferenças essenciais podem ser intuídas a partir do uso paulino de $\mu\sigma\tau\acute{\eta}\rho\iota\omicron\nu$: (a) o seu caráter de revelação divina, ou seja, este não é acessível em modo meramente humano; (b) o dever do anúncio: uma vez comunicado, o mistério deve ser transmitido.⁷⁶

A referência mais próxima ao uso de $\mu\sigma\tau\acute{\eta}\rho\iota\omicron\nu$ no NT é provavelmente encontrada no ambiente veterotestamentário, especialmente de matiz apocalíptica. A ideia correspondente é expressa pelo termo hebraico סֵדֶר (“segredo” ou “conselho”: Am 3,7; Jó 15,8). Ao conselho de Deus e à sua corte são eventualmente associados os profetas.⁷⁷ A ligação mais estreita do uso cristão de $\mu\sigma\tau\acute{\eta}\rho\iota\omicron\nu$ é, todavia, verificada nas oito ocorrências do termo no contexto apocalíptico de Dn 2, onde traduz o aramaico ܩܪܝܢܐ , “segredo divino”⁷⁸, própria de textos do período do Segundo Templo⁷⁹. O sentido apocalíptico de “mistério” versa sobre o desígnio divino acerca do final da história e a instauração do reino escatológico. Não há, portanto, necessidade de recorrer à influência helenística como substrato do conceito de mistério no NT.

No contexto específico de Mc 4,11, o “mistério do Reino de Deus” aponta para o reconhecimento de uma realidade ligada ao desígnio soberano de Deus – “o reino” –, antes escondida, mas agora manifestada através da ação de Jesus, e acessível – porque dada – àqueles que estão em torno a ele (os seus discípulos).⁸⁰ Certamente, o conhecimento do mistério não implica uma posse plena do mesmo, visto o aspecto paradoxal do objeto do mistério: o Reino de Deus⁸¹, anunciado na Escritura,

⁷⁶ FRANCE, 2002, p. 196. O mistério unido à terminologia missionária da proclamação é presente em: 1Cor 2,1.7; 14,2; 15,51; Ef 3,9; 6,19; Cl 1,26-27; 4,3.

⁷⁷ Nesse sentido, a ideia de סֵדֶר , como conselho divino reunido ao qual é associado o profeta para que sejam comunicados os desígnios divinos, pode ser intuída na visão de Is 6, mesmo que o termo סֵדֶר não seja presente.

⁷⁸ Dn 2,18.19.27.28.29.30.47(bis); 4,6. KOEHLER; BAUMGARTNER, *Lexicon II*, p. 1980-1981; HENDRIKSEN, 2015, p. 172; GRASSO, 2003, p. 128.

⁷⁹ COLLINS, 2007, p. 248.

⁸⁰ CRANFIELD, 1985, p. 153, afirma: “É o segredo de que o Reino de Deus veio na pessoa e nas palavras e obras de Jesus”. EDNT II, p. 447, aponta para “a experiência do despontar do governo de Deus na palavra e nas obras de Jesus”.

⁸¹ FRANCE, 2002, p. 196-197. O autor aponta que mesmo aqueles aos quais o mistério é dado deverão embater-se com as suas implicações.

especialmente pelos profetas, mas que Jesus o torna presente com suas palavras e ações⁸².

O Reino de Deus é um conceito escatológico, cujo uso inicial é constatado na literatura profética e desenvolvido por textos apocalípticos (Mq 4,7; Dn 3,54; 4,3). É parte integrante da pregação de Jesus, uso típico da sua linguagem e do anúncio da Igreja. No Evangelho de Marcos são constatadas, além de 4,11, outras 13 ocorrências do sintagma βασιλεία τοῦ θεοῦ.⁸³

Da observação do modo como o Reino de Deus é descrito no Evangelho, especialmente na sua tensão escatológica se pode dizer que a expressão “mistério do Reino de Deus” fala sobre o conhecimento de toda essa dinâmica revelatória que está em curso em Jesus⁸⁴. Essa conclusão é baseada no já mencionado paralelismo presente no versículo: τὸ μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ está em relação com τὰ πάντα. O “mistério do Reino”, na verdade, possui uma dinâmica interna, que se manifesta gradualmente, e uma unidade. É dessa maneira que se pode entender o sentido temporal expresso pelo perfeito grego δέδοται.⁸⁵

A afirmação de que o mistério tem sido dado contribui significativamente para a identificação do próprio mistério. É pacífico assumir δέδοται como um passivo teológico: é Deus o benfeitor que dispensa o mistério.⁸⁶ Aliás, “mistério que tem sido um dado do Reino de Deus” se revela na própria resposta da fé daqueles seguidores de Jesus e o resultado dessa resposta: o fato de colocar-se em torno a ele, mesmo se ainda privados de uma compreensão plena.⁸⁷

⁸² LENTZEN-DEIS, 2003p. 153.

⁸³ Mc 1,15; 4,(11).26.30; 9,1.47; 10,14.15.23.24.25; 12,34; 14,25; 15,43.

⁸⁴ SCHNACKENBURG, 1985, p. 112; MILLOS, 2014, p. 370-371; GNILKA, 1986, p. 192; GRASSO, 2003, p. 128; WILLIAMSON, JR L. *Marco*. Collana Strumenti. Torino: Claudiana 2004, p. 128; PESCH, 1980, p. 384.

⁸⁵ A separação da relação genitival pelo verbo enfatiza a importância da mesma (MARCUS, 1986, p. 76; BDF § 473).

⁸⁶ CRANFIELD, 1985, p. 154; FUSCO, 1980. p. 230. Ambos citam o modo semítico para evitar o nome de Deus. PEREGO, G. *Marco*: Introduzione, traduzione, commento (NVBTA 38). Milano: Sao Paolo, 2011, p. 104; MARCUS, 2000, p. 298; BOCK, 2015, p. 175.

⁸⁷ FUSCO, 1980, p. 236, que destaca a imagem marcana dos discípulos não como uma contradição, mas em chave de polaridade – aqui eleitos e cegos ao mesmo tempo.

A segunda parte do v. 11 – a sentença que se refere a οἱ ἔξω – é desenvolvida pelas orações subordinadas do v. 12, que introduzem a citação de Isaías. Toda essa porção de texto está em relação antitética com o v. 11a, exprimindo o caráter essencialmente negativo daquilo que é reservado para os “de fora”.

A expressão τὰ πάντα tem um sentido de fórmula: “todas as coisas”.⁸⁸ A forma neutra substantivada (sem artigo) comparece nove vezes em Mc. Três passagens, contudo, podem ser relacionadas de maneira mais estreita com 4,11: 4,34; 7,37 e 13,23. Dessas ocorrências é possível compreender que πάντα é usado para discorrer seja sobre o ensinamento de Jesus acerca do reino (as parábolas, 4,34), como sobre as obras concretas que mostram a presença do reino (7,37) e ainda aponta para o que deve ser verificado por ocasião da instauração definitiva do reino no tempo escatológico (13,23).

Considerando, então, o paralelo com 4,11a, é justo colocar τὰ πάντα em relação direta com τὸ μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ, ambos sujeitos das frases correspondentes.⁸⁹ A primeira constatação desse paralelo é que não se trata, aqui, propriamente de uma antítese, visto que o caráter genérico de τὰ πάντα não permite identificá-la com algo negativo. Uma segunda constatação é que, quaisquer que sejam os elementos incluídos em “todas as coisas”, esses têm relação direta com o mistério do Reino de Deus.

Do momento em que o predicado tem como verbo γίνεται – e não um *verbum dicendi* como seria o uso esperado com o complemento “em parábolas” – a expressão “todas as coisas” pode não ser restrita ao caráter comunicativo unicamente através da oralidade. A presença de γίνεται aqui aponta para um nível diferenciado da ação, que pode ser relacionado com o passivo divino δέδοται na primeira parte do versículo. E, dessa maneira, é possível falar aqui de intencionalidade divina. Ulteriores elementos

⁸⁸ EDNT III, p. 48.

⁸⁹ KIRKLAND, 1977, p. 6 e nota 28. Na verdade, essa associação não é pacífica. Alguns autores contrapõem mistério com “em parábolas” (JEREMIAS, J. *The Parables of Jesus*: Bungay: S.C.M. Press, 1985, p. 17, que sustenta, entretanto, a tradução de παραβολή aqui não no sentido geral presente no capítulo, mas como “enigma”; GNILKA, J. *Die Verstockung Israels*: Isaías 6,9-10 in der Theologie der Synoptiker SANT 3. München: Köselverlag, 1961, p. 25).

contribuirão para essa afirmação.⁹⁰ Tudo o que acontece em vista do Reino de Deus – palavras e obras – resta, para aqueles “de fora”, no nível de parábolas: essa a marca negativa do versículo, mas, em que sentido?

Em todas as outras ocorrências de παραβολή no capítulo 4, o termo tem uma valência positiva, designando o ensinamento de Jesus (vv. 2 e 33-34). Além do mais, as advertências para escutar bem (vv. 3.9.23) e a repreensão aos discípulos diante da incompreensão (v. 13; 7,17) mostram o claro intento de Jesus de ser bem compreendido na sua pregação. E mesmo aqueles que podem ser enquadrados como “de fora” compreendem as parábolas (12,12), mostrando que essas, ao menos num primeiro nível, não são indecifráveis. Então, a valência de παραβολή em 4,11 será diferente de todas as outras ocorrências? Terá o evangelista usado para essa, em um espaço tão curto (vv. 10.11), um sentido diverso, retomando-o logo em seguida (v. 13)?

A corrente que defende essa interpretação acusa Marcos de ter entendido mal o sentido do termo dentro de um hipotético dito original – o qual se referiria a “enigmas” – aplicando-o, assim, às parábolas inteligíveis de Jesus imputando-lhes a função de ocultar o Reino de Deus. Na redação final, o resultado seria que tudo que Jesus diz e faz, para os “de fora”, torna-se enigmático e incompreensível.⁹¹ A hipótese não se sustenta diante do contexto apenas descrito. A valência de ἐν παραβολαῖς deve ser aquela corrente – textos literários do gênero “parábola” – com sentido local-instrumental ou mesmo adverbial, ou seja, “em linguagem parabólica”. Somente com o estudo do v. 12 será possível completar o sentido da expressão, ou seja, a real função das parábolas.

A segunda parte do v. 11, então, descreve a sorte daqueles “de fora”, ou seja, do grupo que se define negativamente por não estar “em torno a Jesus com os Doze”: para estes, todas as coisas em relação direta com o mistério do Reino de Deus – palavras e obras – acontecem em parábolas, ou seja, com modo parabólico. Parece que estes não entenderam o mistério⁹².

⁹⁰ FUSCO, 1980, p. 262. É importante reafirmar, contudo, como faz o autor (nota 167), a diátese média de γίνεται contra a proposta de um passivo divino. Todavia, isso não impede de tomar Deus como sujeito lógico da sentença.

⁹¹ JEREMIAS, 1985, p. 18; CRANFIELD, 1985, p. 154-155; GOULDER, 1991, p. 300; RÄISÄNEN, 1990, p. 111-114; SOARES; CORREIA JÚNIOR; OLIVA, 2012, p. 168; GNILKA, 1986, p. 194.

⁹² LENTZEN-DEIS, 2003, p. 153.

Considerando a construção com γίνεταί e a contraposição entre os dois grupos em questão, é possível afirmar o sentido restritivo do conjunto da frase: “para estes não tem nada além de parábolas”. Primeiramente eles próprios se limitam às parábolas, mas, em última instância é Deus mesmo que determina essa limitação.⁹³ Aqui já se manifesta a tensão entre finalidade e resultado, evidente nas conjunções ἵνα e μήποτε do v. 12.

4.3 Versículo 12

A determinação do sentido de ἵνα – conjugado com aquele de μήποτε – se configura como o ponto nodal de toda a discussão. Vários são os sentidos que são dados a esta conjunção⁹⁴, que é “simples e potente” ao mesmo tempo⁹⁵. Porém, afirmar o sentido final significa, em princípio, assumir o propósito das parábolas de Jesus como obstrução do conhecimento de todas as coisas relacionadas ao mistério do Reino de Deus e impedimento da via de conversão e perdão. Por isso, muitas propostas têm sido feitas como alternativas à nuança final de ἵνα. Será visto, contudo, que é impossível evitar esse sentido.

A tentativa de interpretar ἵνα como uma abreviação de ἵνα πληρωθῆ – com a função de introdução ao texto de Isaías e com sentido de constatação do cumprimento da escritura – desconsidera a já estudada forma livre como Marcos utiliza o texto de Isaías. Também não leva em conta que Marcos não é um autor fixado (como Mateus) em citações de cumprimento. Além do mais, no caso específico onde o evangelista tem a intenção de manifestar o cumprimento de alguma passagem da Escritura, ele faz de maneira clara: καθὼς γέγραπται ἐν τῷ Ἡσαΐα τῷ προφῆτι (1,2: “como está escrito no profeta Isaías”); ὡς γέγραπται [ὅτι] (7,6: “como está escrito”); οὐ γέγραπται ὅτι (11,17: “não está escrito”); ὅτι γέγραπται (14,27: “porque está escrito”).⁹⁶

⁹³ FOCANT, 2006, p. 168, propõe, para esse quadro, uma leitura metalinguística, que reflete sobre a atitude ou resposta dos dois grupos. É assim que se pode interpretar os “de fora” como sujeito lógico na descrição.

⁹⁴ GRASSO, 2003, p. 130.

⁹⁵ STANDAERT, 2012, p. 245.

⁹⁶ FOCANT, 2006, p. 166. O risco de considerar tal proposta é de trabalhar sobre algo que, na verdade, não existe no texto.

A hipótese da interpretação de ἴνα como um erro de compreensão da parte de Marcos da conjunção aramaica ܐܘܢܐ, a qual deveria, então, introduzir uma proposição relativa (e, em maneira conjugada, μήποτε como substrato de ܐܘܢܐ no sentido de “talvez”), ficou isolada, do momento em que não resolve a questão do texto em grego. Na verdade, a proposta não considera outros elementos da citação que apontam para o uso por Marcos da versão grega LXX. Além do mais, caso houvesse alguma má compreensão de um dito de Jesus, certamente teriam surgido diversas variações e emendações textuais, fato que, como visto, não é verificado.⁹⁷

O sentido final que Marcos dá à sequência ἴνα (...) μήποτε é certo, onde μήποτε reforça o sentido de ἴνα, fato confirmado, inclusive, pela supressão da sentença de Isaías sobre o coração endurecido, fazendo com que a sentença introduzida por μήποτε complete o sentido final/télico daquela introduzida por ἴνα.⁹⁸

Atendo-se aos termos em grego, as tentativas têm sido de interpretar ἴνα com um sentido causal ou consecutivo (como expressão do hebraico ܐܘܢܐ), combinando-o com um sentido mais ameno de μήποτε como “talvez”.⁹⁹ Contra todas essas tentativas, é suficiente verificar que Mt e Lc simplesmente optam por eliminar a sentença introduzida por μήποτε, enquanto que Mt substitui ἴνα por ὅτι.¹⁰⁰ Fato é que, se μήποτε tivesse o significado de “talvez”, os outros Sinóticos poderiam muito bem tê-lo conservado. Ou, caso o seu sentido fosse ambíguo, poderiam tê-lo

⁹⁷ EDWARDS, 2002, p. 134.

⁹⁸ BLACK, 1979, p. 213-214, afirma que, embora diversas possibilidades de interpretação alternativas ao sentido final de ἴνα e μήποτε (sobre uma base aramaica) possam ser mantidas separadamente, a combinação de ambos (ܐܘܢܐ e ܐܘܢܐ) deve concorrer para o sentido final. TUCKETT, 1988, p. 19; MARCUS, 2000, p. 299: “é o grego de Marcos que deve ser interpretado, e não algum aramaico original reconstruído”.

⁹⁹ EVANS, 1982, p. 129. GUNDRY, R. H. *Mark: A Commentary on His Apology for the Cross*. Grand Rapids: Eedermans, 1993, p. 202, acrescenta ainda o sentido epeagógico dado a ἴνα. STEIN, 2008, p. 209-210, cita ainda a linguagem de efeito-propósito. Com respeito ao sentido ecbático ou consecutivo, FRANCE, 2002, p. 199, diz que, mesmo se possível, não pode ser verificado em nenhuma das mais de 60 ocorrências de ἴνα em Marcos.

¹⁰⁰ O uso de ὅτι em Mt 13,13 não visa esclarecer o sentido do texto em Mc, mas figura como uma modificação do mesmo (EVANS, C. A. *To See and Not Perceive: Isaiah 6:9-10 in Early Jewish and Christian Interpretation* (JSOTSup 64). Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989, p. 110).

substituído com conjunções que exprimem com maior precisão o sentido de “talvez” ou “a menos que”.¹⁰¹ O mesmo pode-se dizer para o uso de ἴνα: caso o seu sentido fosse ambíguo, Mt e Lc poderiam ter dirimido tal ambiguidade, simplesmente utilizando termos considerados mais precisos.

O principal argumento não provém, entretanto, da análise dos paralelos de Mt e Lc: as teorias sobre sentidos alternativos àquele final para ἴνα esbarram principalmente com respeito a μήποτε que segue. Seria muito estranho encontrar dois sentidos raros para dois termos próximos, onde o sentido usual é compreensível, correspondendo ao uso comum de Marcos. É preciso afirmar a forte conotação final de ambas as sentenças: para aqueles de fora, todas as coisas acontecem em parábolas com uma finalidade específica.

A investigação sobre a natureza da ação verificada no grupo dos “de fora” – não perceber, não entender, não se converter – deve, assim como é observado na profecia de Isaías, tomar em consideração o contexto precedente. O desenvolvimento narrativo dos capítulos 2-3 descreve uma evolução de disputas e controvérsias acerca de Jesus e do seu ministério. É constatada, portanto, uma situação semelhante àquela que resultou na profecia de Is 6,9-10: resistência em acolher a palavra de Deus¹⁰², donde a profecia confirma o estado de cegueira e obstinação do povo, ao qual diversas vezes tinham sido dirigidos apelos de conversão. Assim, é possível concluir que a ação aqui – como em Isaías – não é transformativa, mas continuativa, confirmando aqueles que estão fora no seu estado de cegueira e surdez diante dos apelos que lhes têm sido dirigidos.¹⁰³

A constatação da situação de obstinação anterior dos indivíduos identificados como “de fora” não evita o problema da responsabilidade de Deus no processo, em virtude da força tética das conjunções ἴνα e μήποτε. Então, como considerar esse dado sem cair em um fundamentalismo predestinacionista e relacioná-lo com outras passagens, como

¹⁰¹ EVANS, 1982, p. 130, exemplifica com ἐκτὸς εἰ μή, παρεκτός e πλὴν ὅτι para o sentido exato de “a menos que”.

¹⁰² MILLOS, 2014, p. 373.

¹⁰³ MARCUS, 2000, p. 306, se exprime em termos de “ratificação de um processo já em curso”. SCHNECK, 1994, p. 125, elenca em paralelo as ações e confrontação de Isaías antes do capítulo 6 e de Jesus antes de Mc 4.

1Tm 2,4,¹⁰⁴ onde se afirma o propósito divino de salvação e conhecimento da verdade para todos os povos?

Se por um lado – dentro da história da redação – é possível considerar o uso da linguagem tética como um recurso de consolação diante da rejeição de Jesus e dos cristãos por parte de Israel, ou mesmo diante das perseguições sofridas pela comunidade de Marcos, é possível, da mesma forma, interpretá-la como verdadeiro anúncio evangélico, ou seja, as parábolas de Jesus realmente expressam um propósito divino para aqueles “de fora”: não-compreensão que conduz à falta de conversão e de perdão.¹⁰⁵ A esse respeito, é melhor referir-se em termos de soberania de Deus.¹⁰⁶

Mas, a que fim conduz a absurdidade de tal afirmação? Para concluir a reflexão é preciso apelar para o fator da temporalidade. O contexto de Isaías já revelava a perplexidade do profeta diante da missão ao qual era comissionado, a ponto de reagir imediatamente com a pergunta-protesto: עַד-מָתַי אֲדַןְיָ (6,11a: “até quando Senhor?”). O endurecimento do povo se mostra, então, como parte de um processo que tende a reverter-se. Em Isaías, esse processo de cura é expresso com os mesmos termos da obstinação: olhos que veem, ouvidos que ouvem, nova possibilidade de percepção e entendimento.

No contexto da sentença de Mc 4,12, em chave de resposta do leitor, a mesma pergunta-protesto de Isaías poderia ter espaço. A resposta do evangelho a essa interpelação implícita é encontrada imediatamente após a explicação privada da parábola do semeador. A relação de propósito expressa pelas sentenças introduzidas por ἵνα e μήποτε encontra, desse modo, ressonância nas quatro proposições finais de Mc 4,21-22.

A passagem anuncia – com linguagem parabólica seguida de explicação – através da mesma relação de finalidade, que, se a verdade é

¹⁰⁴ STEIN, 2008, p. 204, menciona ainda Jo 3,16 e 2Pd 3,9.

¹⁰⁵ A linguagem determinista pode soar dura aos ouvidos contemporâneos, mas fazia parte do espírito do tempo e não deve ter sido um problema para Marcos. BEAVIS, 1989, p. 148-151, referencia os Padres da Igreja que até mesmo intensificam tal linguagem. MARCUS, J. Mark 4,10-12 and Marcan Epistemology. *Journal of Biblical Literature*, n. 103, 1984, p. 561-562, aponta, como exemplo do pensamento corrente, o dualismo entre escondimento e revelação nos textos de Qumran.

¹⁰⁶ MARCUS, 2000, p. 306; EVANS, 1989, p. 103; EDWARDS, 2002, p. 134-135.

escondida, é porque visa – como propósito final – a plena manifestação (note-se a força da repetição de ἵνα quatro vezes). A relação verbal do v. 22 – presente ἐστὶν / aoristo ἐγένετο – pode, inclusive reforçar a temporalidade: nada é escondido agora, como nada foi escondido no passado, se não a fim de que seja agora (como foi no passado) manifestado.¹⁰⁷

A mensagem do texto mostra, assim, a necessidade de uma má compreensão em relação à palavra, a qual resultará na morte de Jesus.¹⁰⁸ O caráter cristológico do mistério será, então, plenamente manifestado pelo anúncio do Messias ressuscitado. Assim, aquilo que era escondido, impossível de ser visto e compreendido, deve agora vir à luz¹⁰⁹. A esse respeito é significativo que em Mc 16,7 – o primeiro final de Marcos – se mencione a necessidade de retornar ao princípio – a Galileia – onde os discípulos finalmente verão Jesus ressuscitado: “ἐκεῖ αὐτὸν ὄψεσθε, καθὼς εἶπεν ὑμῖν/lá o vereis, como vos disse”. A realidade era até então escondida para que se fosse agora revelada na sua totalidade: a páscoa inaugura a era da revelação. Finalmente, o propósito divino de salvação, que passa pela ocultação, pode ser contemplado na sua inteireza.¹¹⁰

É dentro de todo esse processo que as parábolas e o ministério de Jesus são compreendidos: eles escondem a fim de que todas as coisas sejam reveladas àqueles que têm ouvidos para ouvir.

¹⁰⁷ MARCUS, 2000, p. 314; FUSCO, 1980, p. 284: o que poderia ser um dito proverbial de caráter geral assume sentido na referência a uma situação bem determinada.

¹⁰⁸ Descrita por Marcos, em perspectiva divina, como necessária (8,31; 9,31; 10,33-34). MARCUS, *Mystery*, p. 147, cita ainda as ocorrências de ἵνα em 9,12 e 14,49 como expressão da intenção divina na morte de Jesus. O autor afirma que todas essas cláusulas com ἵνα se interceptam na cruz, como clímax da cegueira humana (note-se a contraposição entre ἵνα ἴδωμεν καὶ πιστεύσωμεν em 15,32 e ἵνα ... μὴ ἴδωσιν em 4,12), da escuridão cósmica e da revelação divina.

¹⁰⁹ MYERS, 1992, 220.

¹¹⁰ MARCUS, 1986, p. 145; TUCKETT, 1988, p. 17-18, afirma que visão plena é possível somente na cruz (15,39) e ressurreição (16,7); EDWARDS, 2002, *Mark*, p. 134; MILLOS, 2014, p. 374.

Conclusão

O estudo de Mc 4,10-12 mostrou que uma exegese fiel ao texto precisa reconhecer o caráter final das conjunções ἵνα (“*a fim de que*”) e μήποτε (“*para que não*”) no v. 12. É preciso então perguntar-se sobre o sentido da finalidade¹¹¹. Diante da clara alusão à profecia de Isaías, a relação de intertextualidade deve ser considerada, verificando qual o grau de importância de tal aproximação textual.

A perplexidade diante do propósito divino suscita a reação imediata do profeta que protesta: “mas, até quando, Senhor?” (Is 6,11). A questão abre a perspectiva do Livro de Isaías ao seu caráter dinâmico, colocando em paralelo a realidade do endurecimento do povo e o anúncio de restauração plena¹¹².

O modo como Marcos utiliza o texto de Isaías é caracterizado pela liberdade de forma, podendo ser visto como uma alusão, ou uma paráfrase, que revela a intenção de realizar uma analogia das duas situações. A pergunta-protesto do profeta em Is 6,11 revela a consciência de um limite na obstinação, ao mesmo tempo projetando a perspectiva para a reversão do processo, ou seja, a manifestação do real propósito implícito no endurecimento: a soberania de Deus que abre os olhos aos cegos e os ouvidos aos surdos e que cura os corações endurecidos. Da mesma maneira, o Evangelho de Marcos responde a essa pergunta velada que incomoda e desinstala a consciência dos discípulos de Jesus: “mas, até quando?”

No contexto imediato, as sentenças de 4,21-22, estreitamente relacionadas com o v. 12, mostram que a finalidade de esconder é, paradoxalmente, revelar. A sentença sobre as parábolas em 4,10-12 se refere a uma etapa da revelação onde a realidade do reino não é ainda plenamente evidente, e deve ser escondida daqueles que não pertencem ao reino. É, contudo, confiada àqueles que se colocam em torno a Jesus. O texto serve, assim, a fazer avançar a teologia de Marcos acerca da modalidade da revelação por meio da morte e ressurreição: a palavra deve necessariamente atravessar um período de incompreensão que resulta em obstinação.

¹¹¹ POHL, 1998, p. 154.

¹¹² WILLIAMSON, 2004, p. 129.

Tudo isso conduzirá Jesus à morte, onde se manifestará plenamente o mistério do reinado absoluto de Deus (8,31; 9,31; 10-33-34).

Do mesmo modo como o livro de Isaías entrelaça as duas situações, obstinação e restauração, a mesma dinâmica é também presente no Evangelho de Marcos: o endurecimento e incompreensão continuarão presentes, mesmo com a abertura à cura e perdão¹¹³. Nessa perspectiva assumem um sentido especial as contínuas exortações a escutar a Palavra de Deus, como semente que é lançada na terra ou como lâmpada que brilha, bem como as demais parábolas que fazem referência ao Reino de Deus.

Ao final, os discípulos são convocados a retornarem ao princípio do caminho, onde poderão finalmente contemplar a realidade do ressuscitado (16,7): o propósito antes oculto, tendo atravessado incompreensão, obstinação, e resultando em morte, agora manifesta a sua inteireza e o mistério é revelado¹¹⁴. A releitura de cada etapa conduzirá à compreensão do propósito divino, mesmo nos momentos em que este se mostra duro e aparentemente sem sentido: mesmo ali permitirá entrever o seu propósito último de salvação.

Referências

- ALAND, B.; ALAND, K. *et al* (Eds.). *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (Eds.). *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eedermans, 1990-1993. v. 1-3.
- BEAVIS, M.-A. *Mark's Audience: The Literary and Social Setting of Mark 4,11-12* (JSOTSup 33). Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.
- BEENTJES, P. C. Inverted Quotations in the Bible: A Neglected Stylistic Pattern *Biblica*, n. 63, p. 506-523, 1982.
- BEST, E. The Role of the Disciples in Mark. *New Testament Studies*, n. 23, p. 377-401, 1977.
- BLACK, M. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*. Oxford: Clarendon, 1979.

¹¹³ LENTZEN-DEIS, 2003, p. 154.

¹¹⁴ MYERS, O Evangelho de São Marcos, 214.

- BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; REHKOPF, F. *Grammatica del greco del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1997.
- BOCK, D. *Mark*. NCBiC. New York: Cambridge University Press, 2015.
- BROWN, S. Secret of the Kingdom of God (Mark 4:11). *Journal of Biblical Literature*, n. 92, p. 60-74, 1973.
- CARMONA, A. R. *Evangelio de Marcos*. Comentario a la Nueva Biblia de Jerusalén. Sevilla: Desclée De Brouwer, 2009.
- CHILTON, B. D. *A Galilean Rabbi and His Bible: Jesus' Use of the Interpreted Scripture of His Time (GNS 8)*. Wilmington, Delaware: SPCK Publishing, 1984.
- COLLINS, A. Y. *Mark: A Commentary*. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Minneapolis: Fortress Press, 2007.
- CRANFIELD, C. E. B. *The Gospel According to St. Mark*. CGTC. London: Cambridge University Press, 1985.
- EDWARDS, J. R. *The Gospel According to Mark*. PiNTC. Grand Rapids: Eedemans, 2002.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- ESTRELLA, C. J. Is 6,9-10 nel Nuovo Testamento. In: BELLI, F. *et al. L'Antico nel Nuovo: Il ricorso alla Scrittura nel Nuovo Testamento*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2008.
- EVANS, C. A. The Function of Isaiah 6:9-10 in Mark and John. *Novum Testamentum*, n. 24, p. 124-138, 1982.
- EVANS, C. A. *To See and Not Perceive: Isaiah 6:9-10 in Early Jewish and Christian Interpretation (JSOTSup 64)*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.
- ERNST, J. *Il Vangelo secondo Marco*. Vol. 1, Il Nuovo Testamento commentato, Brescia: Morcelliana, 1991.
- FISCHER, B. et al (Eds.). *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.
- FOCANT, C. La recontextualisation d'Is 6,9-10 en Mc 4,10-12 ou un exemple de non-citation. In: FOCANT, C. (Ed.). *Marc, un évangile étonnant: Recueil d'essais (BETHL 194)*. Leuven; Paris; Dudley MA: Universitaire Pers Leuven, 2006. p. 149-181.
- FOCANT, C. *L'évangile selon Marc*. CbNT 2. Paris: Cerf, 2004.

- FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark*. NIGTC. Grand Rapids: Eedermans, 2002.
- FUSCO, V. *Parola e Regno: La sezione delle parabole (Mc. 4,1-34) nella prospettiva marciana*. Brescia: Morcelliana, 1980.
- GNILKA, J. *Die Verstockung Israels: Isaias 6,9-10 in der Theologie der Synoptiker (SANT 3)*, München: Köselverlag, 1961.
- GNILKA, J. *El Evangelio Según San Marcos*. Vol. 1: Mc 1-8,26, Salamanca: Sigueme, 1986.
- GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a Alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLO, I; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. (Orgs.). *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: Academia Cristã, 2015, p. 221-245.
- GOULDER, M. D. Those Outside (MK. 4:10-12). *Novum Testamentum*, n. 33, p. 289-302, 1991.
- GRASSO, S. *Vangelo di Marco*. Nuova versione, introduzione e commento. I libri biblici. Roma: Paoline, 2003.
- GUELICH, R. A. *Mark 1-8:26*. WBC 34A. Dallas: Thomas Nelson Inc, 1989.
- GUNDRY, R. H. *Mark: A Commentary on His Apology for the Cross*. Grand Rapids: Eedermans, 1993.
- HARTLEY, D. E. *The Wisdom Background and Parabolic Implications of Isaiah 6:9-10 in the Synoptics*. SBLit 100. New York: Peter Lang Inc; International Academic Publishers, 2006.
- HATINA, T. R. *In Search of a Context: The Function of Scripture in Mark's Narrative*. JSNTSup 232 – SSEJC 8. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2002.
- HENDRIKSEN, W. *Marcos*. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2015.
- JEREMIAS, J. *The Parables of Jesus*: Bungay: S.C.M. Press, 1985.
- KIRKLAND, J. R. The Earliest Understanding of Jesus' Use of Parables: Mark IV 10-12 in Context. *Novum Testamentum*, n.19, p. 1-21, 1977.
- KOEHLER, L.; BAUMGARTNER, W. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament: Study Edition*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 2001. v. I-II.
- LEGASSE, S. *L'Évangile de Marc*. Paris: Cerf, 1997. v. 1.
- LENTZEN-DEIS, F. *Comentário ao Evangelho de Marcos: Modelo de Nova Evangelização*. São Paulo: Ave Maria, 2003.

- LIDDEL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*: Revised and Augmented Throughout by Sir Henry Stuart Jones. New York: Oxford University Press, 1996.
- MANSON, T. W. *The Teaching of Jesus*: Studies of its Forms and Content. Cambridge: Cambridge University Press, 1948.
- MARCUS, J. *Mark 1-8: A New Translation with Introduction and Commentary* (AB 27). New York: Yale University Press, 2000.
- MARCUS, J. Mark 4,10-12 and Marcan Epistemology. *Journal of Biblical Literature*, n. 103, 557-574, 1984.
- MARCUS, J. *The Mystery of the Kingdom of God*. SBLDS 90. Atlanta: Scholars Press, 1986.
- MEYNET, R. *Il Vangelo di Marco*. RBS 8. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2016.
- MURAOKA, T. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. Leuven: Peeters, 2009.
- MILLOS, S. P. *Marcos*. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona: CLIE, 2014.
- MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MOULE, C. F. D. Mark 4:1-20 Yet Once More. In: ELLIS, E. E.; WILCOX, M. (Eds.). *Neotestamentica et Semitica*: Studies in honour of Matthew Black. Edinburgh: T & T Clark Publishers, 1969. p. 95-113.
- MULHOLLAND, D. M. *Marcos*: Introdução e comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova. 1999.
- PEREGO, G. *Marco*: Introduzione, traduzione, commento (NVBTA 38). Milano: Sao Paolo, 2011.
- PESCH, R. *Il vangelo di Marco*: Parte Prima (CTNT II/I). Brescia: Paideia, 1980.
- POHL, A. *Evangelho de Marcos*. Comentário Esperança. São Paulo: Editora Esperança, 1998.
- QUESNELL, Q. *The Mind of Mark*: Interpretation and Method through the Exegesis of Mark 6,52 (AnBib 38). Rome: Loyola Press, 1969.
- RAHLFS, A.; HANHART, R. (Eds.). *Septuaginta*: Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs: Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

- RÄISÄNEN, H. *The 'Messianic Secret' in Mark's Gospel*. SNTIW. Edinburgh: T & T Clark, 1990.
- ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. New York: Hodder & Stoughton, George H. Doran Company, 1919.
- ROBINSON, G. D. The Motif of Deafness and Blindness. *Bulletin for Biblical Research*, n. 8, p. 167-186, 1998.
- SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho Segundo Marcos*. Coleção Novo Testamento – Comentário e Mensagem, Vol. 2/2: Petrópolis: Vozes, 1985.
- SCHNECK, R. *Isaiah in the Gospel of Mark: I-VIII*: Bogotá: BIBAL Press, 1994.
- SOARES, S. A. G.; CORREIA JÚNIOR, J. L.; OLIVA, J. R. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- SOLICHIN, V. R. La luce della parola e il dono dell'ascolto: La composizione del discorso parabolico di Mc 4,1-34. In: MEYNET, R.; ONISZCZUK, J. (Eds.). *Atti del primo convegno RBS (RBS 1)*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2009. p. 257-286.
- STANDAERT, B. *Marco*. Vangelo di una notte vangelo per la vita. Commentario, Testi e Commenti, A2. Bologna: EDB, 2012.
- STEIN, R. H. *Mark*. BECNT. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.
- TUCKETT, C. M. Mark's Concerns in the Parables Chapter (Mark 4,1-34). *Biblica*, n. 69, p. 1-26, 1988.
- WATTS, R. E. *Isaiah's New Exodus and Mark*. WUNT 88. Tübingen: Baker Academic Press, 1997.
- YOSHIMURA, H. *Did Jesus Cite Isa 6:9-10?: Jesus' Saying in Mark 4:11-12 and the Isaianic Idea of Hardening and Remnant*. Åbo: Åbo Akademis Förlag, 2010.
- WILLIAMSON, JR L. *Marco*. Collana Strumenti. Torino: Claudiana 2004.

Submetido em: 24/08/2020

Aceito em: 16/06/2021